

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**ANYELLE THEORODO FERRANTE  
ARACELI SPERA DE SOUSA**

**UM ESTUDO SOBRE OS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS OU TÓXICOS EM  
CASAIS HETEROSSEXUAIS**

**Ribeirão Preto**

**2021**

**ANYELLE THEODORO FERRANTE  
ARACELI SPERA DE SOUSA**

**UM ESTUDO SOBRE OS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS OU TÓXICOS EM  
CASAIS HETEROSSEXUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia  
do Centro Universitário Barão de Mauá para  
obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fernanda Pessolo  
Rocha.

**Ribeirão Preto**

**2021**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E85

Um estudo sobre relacionamentos abusivos ou tóxicos em casais heterossexuais/  
Anyelle Theorodo Ferrante; Araceli Spera de Sousa - Ribeirão Preto, 2021.

62p.il

Trabalho de conclusão do curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de  
Mauá

Orientador: Dra. Fernanda Pessolo Rocha

1. Relacionamento abusivo e tóxico 2. Amor patológico 3. Psicologia I. Ferrante,  
Anyelle Theorodo II. Sousa, Araceli Spera de III. Rocha, Fernanda Pessolo IV. Título

CDU 159.9

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB<sup>8</sup> 9878

**ANYELLE THEODORO FERRANTE  
ARACELI SPERA DE SOUSA**

**UM ESTUDO SOBRE OS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS OU TÓXICOS EM  
CASAS HETEROSSEXUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia  
do Centro Universitário Barão de Mauá para  
obtenção do título de bacharel.

Data de aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dra. Fernanda Pessolo Rocha  
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

---

Me. Ana Carolina Naves Magalhães  
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

---

Dra. Ane Ribeiro Patti  
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

**Ribeirão Preto**

**2021**

O presente estudo é dedicado aos participantes que se disponibilizaram a nos ajudar na obtenção das informações necessárias para a construção dos dados, por vezes, revivendo sentimentos desconfortáveis experienciados em relacionamentos tóxicos ou abusivos, além de compartilhar suas formas de enfrentamento.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir chegar até aqui e ter me concedido saúde, força, disposição, me tranquilizado e me dando sabedoria e paciência nos momentos mais difíceis dessa minha trajetória para concluir este trabalho Sem ele, nada disso seria possível,

Agradeço, também, aos meus pais, meu irmão e amigos, pelo apoio, força e amor incondicional, me incentivando nos momentos mais difíceis e compreendendo a minha ausência enquanto eu me dedicava às realizações deste trabalho. E especialmente a minha dupla Araceli Spera, pela sua amizade, ajuda, dedicação e companheirismo durante esses cinco anos.

Gostaria de agradecer a minha professora orientadora Prof. Dra. Fernanda Pessolo, por ter desempenhado tal função com tanta dedicação e paciência, sempre disponível a compartilhar o seu vasto conhecimento e acreditando na nossa capacidade para a conclusão deste trabalho.

E por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a nossa banca examinadora, Profa. Dra. Ane Ribeiro Patti e a Psicóloga Ana Carolina Naves Magalhães, por aceitarem o nosso convite nesse momento tão especial e importante da nossa formação.

Anyelle Theodoro Ferrante

## **AGRADECIMENTOS**

A elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso, para mim, é o fechamento de um ciclo que foi sonhado por anos, e experienciado nos últimos 5 anos de minha vida da forma mais satisfatória que eu poderia ter imaginado, e homenagear pessoas importantes que passaram pelo meu caminho é uma forma de agradecer por cada aprendizado.

Primeiramente agradeço a minha mãe, que sonhou comigo e acreditou em mim e na minha capacidade de construir essa história, e por isso investiu mais uma vez no meu aprendizado e crescimento intelectual. Sem seu suporte, esse momento não seria possível.

Agradeço ao meu irmão, que mesmo de forma calada, sempre me deu o apoio necessário nas adversidades para não desanimar e manter focada no meu objetivo. Incluo também meus familiares, que mesmo com a distância demonstraram interesse e orgulho por cada conquista ao longo desse percurso.

A minha amiga de curso, trabalhos, estágios, e agora de TCC, Anyelle, agradeço por cada instante vivido nesses anos, e por ter sido uma companheira para todos os momentos que a faculdade proporciona, tenham sido bons ou ruins, sempre me ajudando a enxergar um lado positivo dessa experiência.

Gostaria de enaltecer minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Pessolo Rocha, que foi essencial para minha formação profissional, tanto em sala de aula, quanto a cada orientação para a construção desse trabalho, sempre apontando o que precisaríamos melhorar e nos motivando com nossas conquistas. Esse trabalho se fez possível com seu suporte.

Por fim, agradeço ao corpo docente do Centro Universitário Barão de Mauá por cada aprendizado que me foi passado nos últimos anos, correlacionando a teoria com a empatia e o olhar humano necessários para exercer a psicologia.

Araceli Spera de Sousa



"Amor é bicho instruído. Olha: o amor pulou o muro o amor subiu na árvore em tempo de se estrepou. Pronto, o amor se estrepou. Daqui estou vendo o sangue que escorre do corpo andrógino. Essa ferida, meu bem às vezes não sara nunca às vezes sara amanhã" (Carlos Drummond de Andrade)

## RESUMO

Quando relacionamentos amorosos se iniciam, a idealização dos envolvidos é baseada nos romances com características culturalmente aprendidas, entretanto, nos relacionamentos tóxicos ou abusivos acontece uma quebra de expectativa, em que um ou todos os envolvidos experienciam situações negativas, como dependência ou pressão emocional, medo do parceiro, culpa, momentos de violência, entre outros. Casos de amor patológico, baixa autoestima e sequelas emocionais são observados como consequência dessas vivências. O presente estudo buscou compreender os aspectos emocionais dos indivíduos heterossexuais que passaram por relacionamentos tóxicos ou abusivos e verificar como foram impactados em decorrência dessas experiências. Foram selecionados três mulheres e um homem entre 22 e 50 anos, que estavam vivendo ou já haviam rompido relacionamentos tóxicos ou abusivos, para participar da pesquisa. O método para escolha dos participantes foi a Bola de neve, onde um participante indica outro. De acordo com os aspectos éticos, os participantes foram submetidos a uma entrevista semiestruturada, enfocando os aspectos principais dessa pesquisa, com o tratamento de dados embasado nos pressupostos teóricos da análise de conteúdo. Os resultados foram divididos em 20 categorias que constataram que todos os participantes sofreram impactos emocionais com os relacionamentos, ressaltando a importância do suporte psicossocial como forma de enfrentamento e auxílio para a ressignificação da vida. Atestou-se também que por vezes, houve dificuldade de se obter o apoio necessário, resultando na falta de movimentação por parte desses sujeitos para o rompimento da relação. Evidenciou-se discrepância entre os gêneros, sendo que entre as participantes do sexo feminino a rede de apoio se mostrou mais efetiva em comparação com o sexo masculino, além da forma como os gêneros lidam com agressões físicas e o sentimento de posse. Dessa forma, averiguou-se as consequências emocionais dessas relações destrutivas em ambos os sexos e a importância do suporte psicossocial nesse momento.

**Palavras-chave:** Relacionamento abusivo e tóxico. Amor patológico. Psicologia.

## ABSTRACT

When romantic relationships start, the idealization of those involved is based on romances with culturally learned characteristics, however, in toxic or abusive relationships there is a breach of expectation, in which one or all of the involved experience negative situations, such as dependence or emotional pressure, fear of the partner, guilt, moments of violence, among others. The author Lino (2009) explains that cases of pathological love, low self-esteem and emotional sequelae are observed as a consequence of these experiences. This study sought to understand the emotional aspects of heterosexual individuals who have gone through toxic or abusive relationships and to see how they were impacted as a result of these experiences. Three women and one man between 22 and 50 years old were selected to participate in the research from the snowball method, in which one participant indicates another, that was living or had already broken toxic or abusive relationships. According to the ethical aspects, the participants were submitted to a semi-structured interview, focusing on the main aspects of this research, with data treatment based on the theoretical assumptions of content analysis by Bardin (2016). The results were divided into 20 categories that found that all participants suffered emotional impacts with their relationships, highlighting the importance of psychosocial support as a way of coping and helping to give new meaning to life. It was also attested that sometimes, there was difficulty in obtaining the necessary support, resulting in the lack of movement on the part of these subjects to break up the relationship. There was a discrepancy between genders, and among female participants, the support network was more effective compared to males, in addition to the way genders deal with physical aggression and the feeling of ownership. Thus, it was investigated the emotional consequences of these destructive relationships in both sexes and the importance of psychosocial support at that time.

**Keywords:** Abusive and toxic relationship. Pathological love. Psychology

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
1.1	Definição do amor	11
1.2	O amor nas relações heterossexuais	16
1.3	Quando o amor se torna doença	22
1.4	Justificativa	27
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>28</b>
2.1	Objetivo geral	28
2.2	Objetivos específicos	28
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>29</b>
3.1	Local	29
3.2	Sujeitos	29
3.3	Características dos sujeitos	29
3.4	Procedimentos	30
3.5	Aspectos éticos	31
3.6	Tratamento de Dados	31
<b>4</b>	<b>RESULTADOS</b>	<b>33</b>
4.1	Dificuldade de identificar o tipo de relacionamento	33
4.2	Idealização	34
4.3	Constatação da realidade	34
4.4	Redes de suporte psicossocial	35
4.4.1	Família	35
4.4.2	Equipe de saúde	36
4.5	Dificuldade de apoio	36
4.6	Enfrentamento	36
4.7	Culpa	36
4.8	Pressão emocional	37
4.9	Fragilidade	38
4.10	Sedução	38
4.11	Violência	38
4.11.1	Violência doméstica	38
4.11.2	Violência externa	39
4.12	Dependência emocional	39

<b>4.13</b>	<b>Medo do parceiro(a)</b> .....	<b>40</b>
<b>4.14</b>	<b>Dificuldade de assumir o relacionamento tóxico</b> .....	<b>40</b>
<b>4.15</b>	<b>Ressignificando a vida</b> .....	<b>41</b>
<b>4.16</b>	<b>Baixa autoestima</b> .....	<b>42</b>
<b>4.17</b>	<b>Sequelas emocionais</b> .....	<b>42</b>
<b>4.18</b>	<b>Amor patológico</b> .....	<b>42</b>
<b>4.19</b>	<b>Sujeição</b> .....	<b>43</b>
<b>4.20</b>	<b>Questões de Gênero</b> .....	<b>43</b>
<b>4.20.1</b>	<b>Agressão</b> .....	<b>44</b>
<b>4.20.2</b>	<b>Rede de Apoio</b> .....	<b>44</b>
<b>4.20.3</b>	<b>Possessividade</b> .....	<b>44</b>
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>46</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>53</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Definição do amor

A busca para compreender o que é o amor e defini-lo de alguma forma é algo recente. Durante muitos anos o amor era visto a partir de uma perspectiva mais filosófica que científica. Os gregos possuíam inúmeras formas de nomear o amor, dependendo de como era sentido ou demonstrado, diferentemente dos dias atuais em que ele é utilizado como termo que engloba diversos níveis desse sentimento.

O primeiro, ágape, é descrito como o amor cristão. É considerado o mais nobre dos amores e segue em duas direções, sendo uma em direção a Deus e a outra em direção aos homens. Bobineau (2010, p. 72) diz que “Ela conhece seu ponto supremo de perfeição no amor aos inimigos, no perdão. Querer bem para os seus inimigos, rezar por eles e prestar-lhes serviço é uma generosidade perfeitamente gratuita que não motiva nenhuma amabilidade ao próximo.” Ou seja, é o amor sem esperar absolutamente nada em troca, nem mesmo gratidão, é amar o outro querendo-o bem, sem criar a expectativa de que essa atitude gere algum retorno positivo para si.

De acordo com Brito e Almeida (2020) esse amor também é descrito como o amor cristão, por ser citado centenas de vezes na bíblia, e tem Jesus como o seu maior exemplo de amor, por ser um amor ao próximo e ao coletivo maior que a si próprio de modo que esse amor é marcado pelo sacrifício, amando a Deus acima de tudo e portanto, ao próximo da mesma forma que se ama. Esse amor pode ser visto, por exemplo, em pessoas que largam sua vida, seu conforto para ir fazer o bem em lugares mais precários.

O amor seguinte é o philia, e é definido como amizade. Este é um amor bem próximo ao amor de Cristo (ágape), pois se deseja a satisfação do próximo sem criar expectativas de um benefício a si mesmo. Também é explicado por Brito e Almeida (2020) como “[...] o tipo de amor que vemos no dia a dia, na amizade com nossos irmãos e familiares, pois não importa o quão distante estamos, ou o quão brigado estivermos, tudo converge para essa grande união e fraternidade.” Pode-se ser observado em ações de carinho, cuidado, atenção, demonstrações de afeto etc., apenas para que o outro fique bem, sem que se deseje retribuição.

Rocha (2006) em um estudo mais aprofundado sobre a philia, explica que para Aristóteles, a amizade era uma virtude legítima, e também tinha grande importância para a vida na cidade ou sociedade, pois era equivalente e um sentimento digno de “virtude política”. E

para Aristóteles, essa virtude era definida como um hábito que aperfeiçoava os homens, fazendo com que eles pudessem ser capazes de agir de forma excelente na maioria das vezes.

Rocha (2006) explica que Aristóteles dividia a amizade em três tipos diferentes: a útil, a prazerosa e a virtuosa. Todas recebem o mesmo nome, mas apenas a amizade virtuosa é a real definição de amizade, sendo a amizade perfeita. Isso porque nas amizades úteis e prazerosas, não se ama o amigo pelo que ele é, e sim pelo que ele proporciona, se em algum momento ele deixar de ser útil ou prazeroso (perder dinheiro ou se tornar uma companhia desagradável) a amizade também deixa de existir.

Se eu me torno amigo de alguém porque sua riqueza me é útil ou sua companhia me é prazerosa e agradável, caso ele venha a perder a riqueza ou a beleza do corpo, e sua companhia não for mais nem agradável nem útil, a amizade deixará de existir. Na bondade que define o homem virtuoso e na virtude, que é estável, o otimismo aristotélico vê o fundamento da verdadeira amizade e de sua durabilidade, pois para ele a “bondade” que tem suas raízes no próprio ser é uma bondade duradoura, diferente daquela que se fundamenta em coisas que são efêmeras. (ROCHA, 2006, p.77)

E o último dos amores a ser descrito é o Eros. Braz (2005) realizou uma pesquisa sobre a origem e o significado do amor na mitologia greco-romana, na qual descreveu várias diferentes versões sobre a origem de Eros (maiúsculo ou minúsculo). Em todas as versões iniciais ele é descrito como um Deus poderoso e fundamental, entretanto, durante o domínio romano, algumas novas versões surgiram, fazendo com que Eros fosse rebaixado a um deus intermediário, e no período Alexandrino, mudou-se totalmente a compreensão de sua origem e função, sendo apenas uma força ou energia que promovia aventuras sedutoras e impiedosas entre os humanos, causando uma insatisfação e inquietude nos homens.

Na atualidade, Eros é descrito como o Cupido, filho de Afrodite, a deusa do amor e da beleza, sendo a companhia de sua mãe e usado para satisfazer seus desejos e pedidos. “Dessa maneira, ele se tornou um ser sem vontade própria, usado como um objeto realizador das vinganças de Afrodite ou, simplesmente, mediador da sua diversão.” (BRAZ, 2005, p. 66), deixando ainda mais claro como Eros perde a importância conforme as histórias mitológicas vão mudando.

A segunda história é o romance de Psique e Eros, em que os dois se conhecem a partir de uma das missões de vingança de Afrodite que Eros precisa cumprir, já que sua mãe estava enciumada com a beleza de Psique. Quando Eros a vê, se apaixona, mas o único acordo entre os dois é de que ela não pode o ver na claridade, entretanto, após uma conversa com suas irmãs, a curiosidade de Psique se torna grande fazendo com que ela acenda uma vela enquanto Eros dorme, quebrando a sua confiança.

O que acontece é que após essa quebra de confiança, Psique cumpre alguns desafios para que consiga reconquistar o amor de Eros novamente. E ao conseguir, até mesmo Zeus abençoou a união do casal entre um mortal e um deus. Dessa forma, Braz (2005, p. 70) analisa que Psique é uma representação da alma humana, a curiosidade, com atitudes comuns aos mortais, e mostra que o amor (Eros) não aceita desconfianças

Analisando esses dois mitos, também é possível correlacionar os dois com a importância de que o amor seja independente, mas ao mesmo tempo, a existência do outro é extremamente relevante para que ele cresça e seja maduro. Mesmo sendo um sentimento individual, nos dois mitos é possível observar que Eros só cresce, se torna um ser maduro e com vontade própria quando tem o outro ser, seja o irmão ou uma mulher, por perto.

Essa visão do amor como um constructo filosófico se estendeu até poucos anos atrás, quando se começou a querer entender o amor a partir da ciência, e não apenas dessa forma inconcreta e especulativa. Dessa forma, Martins-Silva, Trindade e Silva Junior (2013) apontam três das primeiras teorias sobre o amor no campo clínico da psicologia. O primeiro teórico é Freud, que coloca que “[...] o amor em relação a um objeto externo ocorre apenas após a construção do ideal de ego do indivíduo.” (MARTINS-SILVA; TRINDADE; SILVA JUNIOR, p. 18, 2013) A segunda é a teoria de Reik (1944), que diz que tanto o amor quanto o desejo possuem forças motivadoras, dizendo que o amor é um interesse apaixonado por outro corpo e outra personalidade. E por fim, a última teoria é de Maslow (1962), que aponta dois tipos de amor, o deficiente (D-love) e o amor (B-love), sendo o primeiro composto pelas propriedades do amor que Freud propôs, e o segundo que acontece entre pessoas autorrealizadoras, ou seja, aquelas que são capazes de amar outras pelo que elas realmente são.

Rubin (1970) decidiu mensurar o amor romântico (*Measurement of Romantic Love*), chegando à conclusão de que casais realmente apaixonados (quando cada um do casal obtinha escore de 92 ou mais na escala do amor) passavam mais tempo olhando nos olhos um do outro do que os casais com uma “paixão mais fraca”. Apesar de não descrever ou definir o que é o amor, essa pesquisa mostrou que o amor poderia ser estudado e mensurado cientificamente, impulsionando novas pesquisas.

Martins-Silva, Trindade e Silva Junior (2013), no artigo Teorias sobre o amor no campo da psicologia social, discutiram como Lee explica a sua teoria usando como exemplo a roda de cores. Nessa teoria, Lee descreve três estilos de amor como primários, que assim como as cores, misturam-se entre si, e criam novos estilos de amores. Esses três amores primários são: Eros, Ludus e Storge. No primeiro estilo, o Eros, as pessoas se excitam ao ver pessoas com

o tipo físico que mais as atraem, e desejam vontade de conhecer a pessoa amada rápido e intensamente, e buscam expressar essa satisfação ao estar com o outro verbalmente e de forma tátil. No estilo Ludus, as pessoas não querem um compromisso amoroso e buscam maior diversão. Elas se atraem por vários tipos físicos e não acham contraditório amar várias pessoas com a mesma intensidade ao mesmo tempo. Por fim, o estilo Storge, que para as pessoas desse estilo, o amor é uma amizade especial, conhecer a pessoa antes de qualquer interação sexual é importante. As pessoas desse estilo de amor não têm um tipo físico, já que o aspecto emocional vem antes da atração física.

Ao explicar a teoria, é possível identificar vários estilos de amor derivados desses três estilos primários, mas são apresentados apenas seis, que são chamados de estilos secundários, sendo eles: Mania, que é a junção de Eros e Ludus; Pragma, união de Ludus e Storge; o Ágape, que é o Eros e o Storge Predomínio Storge, sendo Storge e Eros juntos; Predomínio Ludos, que concilia Ludos e Eros, e, por fim; Predomínio Storge, que une Storge e Ludus. Ele também disse que o estilo de amor de uma pessoa pode mudar ao longo da vida.

De acordo com Lee, as pessoas podem variar de um estilo para o outro segundo suas experiências da vida. O autor afirma, entretanto, que é importante avaliar qual o estilo preferencial do indivíduo em determinado momento, seja para autoconhecimento, seja para reconhecer o estilo de amor do parceiro, seja para procurar um parceiro com um estilo de amor mais adequado ao seu. (MARTINS-SILVA; TRINDADE; SILVA JUNIOR, p. 21, 2013)

Outra teoria que surgiu alguns anos depois foi a Teoria Triangular do Amor de Sternberg, em 1986. Mônico e Teodoro (2011) explicam que essa teoria retrata o amor com base em três itens: intimidade, paixão e decisão/compromisso. Estes itens formam os vértices de um triângulo, de modo que cada um deles é definido de uma maneira. Assim, a intimidade seria a existência de felicidade, respeito mútuo, a capacidade de se entregar, comunicação e valorização. Quando a relação é baseada de forma isolada com esse item, são caracterizadas de maneira análoga à amizade.

O item paixão é relacionado à atração física e sexual, quando sente o desejo de estar junto, além da conotação de romance, expressando grande excitação nessa união. Por fim, a decisão/compromisso está relacionada à escolha de amar e o desejo de que a relação dure a longo prazo.

Quando esses três itens estão presentes na relação, estabelece-se o amor pleno, e quando apenas dois deles aparecem, denota outras formas de amar. Quando os vértices do triângulo presentes no relacionamento são intimidade e paixão, tal fato está relacionado ao amor romântico, ou seja, mesmo quando estão próximos e com o desejo de estar junto, o casal não

tem certeza de que isso será possível. Quando a união é de intimidade e decisão/compromisso, os companheiros permanecem juntos mesmo com o fim do desejo sexual.

E por último, a junção de paixão com decisão/compromisso é comparado ao amor à primeira vista, quando mesmo sem desenvolver intimidade, a atração física e a vontade de permanecer juntos existe, assim como os autores, Mônico e Teodoro (2011), explicam.

Albornoz (2011) discutiu em uma introdução à obra de Axel Honneth, como o teórico compreende o amor nas esferas do reconhecimento. Ele não enfatiza o amor romântico, visto que para ele todas as relações que possuam simpatia e atração, sem que haja submissão ao outro, são descritas como relações amorosas. O autor também explica que mesmo a liberdade para se fazer independente necessita da sustentação da confiança afetiva, ou seja, é necessária a segurança de que mesmo se fazendo independente, a pessoa amada mantém o seu afeto, reconhecendo essa autonomia.

O estudo mais recente sobre o amor, no qual buscou-se compreender as dinâmicas dos relacionamentos amorosos na era digital. Nesse estudo, descreve-se como o amor passa por transformações, identidades e interpretações diferentes do que a sociedade estava acostumada (PAURA; GASPAR, 2017, p.4), abordando a mudança sobre como o que se entende por amor mudou na atualidade, quando a maior parte da população passou a ter acesso à *smartphones* e computadores com conexão com internet, alguns aspectos que já eram consolidados nas relações humanas, mudaram.

Dessa forma, a maneira de se relacionar, como um todo, também sofreu alterações. Existem redes sociais para todos os tipos de interações que se deseja, variando entre a procura por amizades, interações profissionais ou mesmo interações amorosas.

Na relação virtual não possuímos fronteiras, as noções de espaço-tempo são dissolvidas, podemos nos comunicar com diferentes pessoas, em diferentes locais e com fusos horários diferentes, para isso basta acessar a plataforma virtual (PAURA; GASPAR, 2017, p.5). Esses sites se mostram como um ambiente para se experimentar, percebe-se o outro pela aparência e não pela sua essência, fazendo com que essas relações sejam instantâneas, já que com um único clique pode-se tornar “amigo” de uma pessoa que se conhece apenas de vista, buscar uma oportunidade de emprego em outras cidades, estados ou mesmo países ou simplesmente ir em busca de um namorado ou namorada sem ao menos conhecer pessoalmente.

Dessa forma, o amor romântico sofreu mudanças, a forma de se relacionar passou a se basear em interesses pessoais, sendo que o objetivo maior são os próprios interesses e obter prazer de forma rápida, indo contra a concepção de amor romântico, que antigamente tinha

ideia de compromisso duradouro e comprometimento de ambas as partes. Entretanto, caso haja esse compromisso, a possibilidade de futuros relacionamentos, que poderiam ser melhores e mais prazerosos.

Paura e Gaspar (2017) usam um catálogo com produtos como exemplo para a forma atual de se relacionar e amar, onde se escolhe um parceiro com base apenas no próprio prazer, e, como tal qual um produto, este parceiro e este relacionamento possuem validade, podendo sofrer trocas caso surja um novo modelo mais prazeroso. Desse modo, as relações duradouras são vistas como algo sem graça. Os autores ainda explicam que existe uma certeza que construir o amor é algo fácil, e caso não consiga ou não seja possível, é possível descartá-lo e continuar procurando esse prazer em outras pessoas.

Os laços líquidos são tão flexíveis quanto as conexões. Como é possível conectar-se e desconectar-se facilmente no ambiente virtual, as relações passam a não ter o peso da eternidade. Cortar laços é muito mais fácil e menos doloroso na rede do que face a face. Esse é o motivo pelo fascínio das relações virtuais, relacionar-se sem comprometer-se. (PAURA; GASPARG, 2017, p.10)

Assim, é difícil definir e explicar o que é o amor, principalmente quando tomamos a história como fio condutor dessa definição, mas é possível compreender que as formas de demonstrar e o que se espera das relações amorosas já não são as mesmas, quando comparadas a poucos anos atrás, em que uma das formas de mensurar o amor era na troca de olhares, enquanto, atualmente, as interações, em sua maioria, são virtuais.

## **1.2 O amor nas relações heterossexuais**

Para algumas pessoas, o ciúme representa uma manifestação de amor e, para outras, pode, entre outras, abalar a saúde mental do parceiro nos relacionamentos amorosos. Ele pode ser tratado como algo inevitável não só nos relacionamentos entre um homem e uma mulher, mas também em relações entre pais e filhos e até em amigos (GOMES; AMBONI; ALMEIDA, 2011).

As emoções consideradas negativas são intensas e dolorosas, interferindo na capacidade de pensar, agir e se comportar de forma funcional perante as situações. De todas as emoções que experienciamos, o ciúme pode ser classificado como a mais difícil de controlar. Isso acontece porque o ciúme é uma mistura de emoções, pensamentos, comportamentos e estratégias para controlar o parceiro e buscar situações que reafirmem hipóteses, ou seja, a pessoa que sente ciúme está em um estado de ameaça e dificilmente consegue controlar seus comportamentos, o que faz com que transforme seus pensamentos em fatos, sem ao menos ter certeza se eles são reais (LEAHY, 2019).

Existem várias definições de ciúme, entretanto, pode-se considerar que esse sentimento se intensifica quando existe a perda do parceiro, um medo de ser abandonado, a percepção de ameaça frente a alguma situação e a percepção de que alguém em seu ciclo de convivência possui interesse no parceiro comprometido, o que define a essa pessoa um papel de rival (GOMES; AMBONI; ALMEIDA, 2011).

Quando se instala o pensamento de que o relacionamento está ameaçado, costuma-se direcionar a raiva e desconfiança a quem possui o papel de intruso, traidor. Quando o ciúme ocorre, o indivíduo está propenso se sentir impotente e perturbado com os pensamentos que surgem, é como uma sensação de desespero e tentativa de impedir que a sensação de abandono seja concretizada (LEAHY, 2019).

De acordo com Giddens (1992), a confiança possui um papel fundamental para a manutenção e desenvolvimento dos laços amorosos na contemporaneidade, existindo como uma espécie de alicerce no qual os indivíduos se sentem protegidos. Quando essa base não está formada ou está rompida, o indivíduo se sente vulnerável e acredita muitas vezes na possibilidade de rompimento de seu relacionamento.

Nesse ponto, podemos pensar que o ciúme das relações amorosas contemporâneas pode representar a circunstância na qual a insegurança toma a cena a dois e o relacionamento se transforma numa empresa conflitiva e arriscada na qual a confiança é justamente uma das questões mais difíceis de serem resolvidas. Assim, num mundo tão aberto em que a continuidade do relacionamento amoroso é somente uma possibilidade dentre outras, a desconfiança do ciumento pode ser uma estratégia de esquiva diante da ansiedade despertada por um mundo lançado ao arriscado reino da opção (BARONCELLI, 2011 p. 167).

Diante das incertezas e falta de proteção que podem existir em uma relação, há uma tendência em buscar a perfeição e evitar qualquer tipo de diferença entre o homem e a mulher, de modo que a ideia é que não haja diferença para que não exista conflitos. Dessa maneira, a convivência torna-se inseparável, no qual existe uma necessidade clara de saber todos os passos que o parceiro dá a todo momento, a visão clara de um relacionamento sem liberdade, sem confiança e baseado em restrições (BARONCELLI, 2011).

Perante a acessibilidade que o meio tecnológico proporciona na comunicação entre as pessoas, é cada vez mais frequente a possibilidade de invasão de privacidade pelo parceiro em redes sociais. A facilidade em conhecer novas pessoas favorece a insegurança e promove comportamentos que inicialmente podem ser inofensivos, mas causam conflitos na relação, como por exemplo, a checagem de curtidas e mensagens que o parceiro recebe. Essa busca incessante de provas que contrariam os pensamentos de pessoas que sentem ciúmes acaba

alimentando uma dependência de conferência de todos os contatos que o parceiro tem com outras pessoas (FREIRE, *et al.*, 2010).

O ciúme pode então ser considerado saudável e aceitável quando provém de situações verdadeiras e justificáveis, baseadas em comportamentos reais. Entretanto, ele deixa de ser saudável quando existe distorção de fatos ou suposições constantes de que o parceiro está se engajando em atitudes infiéis, quando na verdade não são verídicas. Existem pessoas que podem ter crenças de desamor e acreditar que todos os comportamentos suspeitos do parceiro remetem a traições, mesmo que existem provas que dizem o contrário (GOMES; AMBONI; ALMEIDA, 2011).

A partir do momento em que o ciúme ultrapassa os limites do que pode se considerar saudável em um relacionamento, há um prejuízo na capacidade de raciocínio do indivíduo que pode interferir drasticamente em seus comportamentos, levando a atos violentos. Na atual sociedade, existem pessoas que não conseguem suportar o ciúme de tal maneira que utilizam a violência para conter suas emoções e pensamentos perturbadores (GOMES; AMBONI; ALMEIDA, 2011).

Além da violência, existem outras tentativas de inibir ou controlar o ciúme, de maneira desadaptativa. Isso acontece quando há uma limitação e controle de uso de celulares, controle da vestimenta e principalmente a necessidade de saber e restringir os locais que são frequentados pelo parceiro. Perante este fato, fica claro que dificilmente há uma liberdade de se relacionar com outras pessoas e frequentar locais em que o parceiro não esteja (GOMES; AMBONI; ALMEIDA, 2011).

De acordo com Gomes, Amboni e Almeida (2011) quando o ciúme se manifesta, não visa proteger o outro, como erroneamente costuma se pensar, e sim preservar a si mesmo de futuras preocupações. As relações afetadas pelo ciúme costumam apresentar uma perda ou alteração da identidade pelo indivíduo que apresenta o ciúme. Isso ocorre perante a necessidade de se adequar às necessidades do parceiro e corresponder às suas expectativas.

De acordo com Moreno (1997) ao acionar os debates de Lima e Almeida (2016), os problemas identificados no relacionamento como o ciúme, desconfiança e infidelidade não podem ser uma responsabilidade atribuída somente a uma das figura nele envolvida, perante o fato de que ambos são responsáveis pelo que os une, independentemente de ser algo saudável ou não.

No contexto atual, os relacionamentos ocupam um papel central da vida em sociedade. O amor está presente em diversos contextos com importância e frequência elevada.

O ser humano pode ser entendido por alguém que se constrói pela influência que recebe e exerce sob a sociedade, levando em conta seus valores, normas e modos de agir. A partir do momento em que ele se relaciona com outra pessoa, leva consigo todas essas características, que pode ser motivo de conflito com o parceiro já que na maioria das vezes existem diferenças entre eles. Dessa maneira, o homem e a mulher se comportam e buscam parceiros que se enquadram em seus valores (FERREIRA; FIORONI, 2008).

A tentativa de manter um relacionamento, muitas vezes pode ser caracterizado pela necessidade de escolher as palavras certas, agradecer o parceiro a todo momento e evitar qualquer tipo de angústia ou insatisfação. Entretanto, o parceiro que busca a perfeição acaba esquecendo de viver a própria vida pois projeta toda a sua felicidade no outro, o que não faz com que os termos de relacionamentos sejam opções sempre iminentes, principalmente devido a insuficiência de comunicação (GABRIEL *et al.*, 2019). Sobre a comunicação, no estudo de Gabriel *et al.* (2019) que buscou compreender as mudanças ocorridas nos laços afetivos no mundo contemporâneo, foi considerado pelos autores que:

No que se refere às dificuldades de manter as relações, o aspecto mais importante é a comunicação, onde a construção em conjunto de uma narrativa amorosa, que dê algum suporte para a relação no futuro é fundamental para a manutenção de vínculos mais a longo prazo. (GABRIEL *et al.*, 2019, p.577)

Comparado a todo o contexto social da humanidade, o papel de homens e mulheres em um relacionamento tem se modificado, principalmente no que concerne a ótica feminina. Perante vários movimentos feministas, a mulher está cada vez mais deixando de lado o papel tradicionalista de dona de casa e conquistando espaços nunca conquistados anteriormente, tanto na questão de independência financeira e intelectual, quanto na equidade das relações (FERREIRA; FIORONI, 2008). A visão da masculinidade também obteve bastante mudança, principalmente o fato de que o homem era designado como gênero dominante nas relações e provedor da família. No atual século XXI, este papel está se dividindo com a mulher, o que representa grande evolução (FERREIRA; FIORONI, 2008).

De acordo com Ribeiro (2010 apud SMEHA; OLIVEIRA, 2013), na atualidade, a mulher encontra-se independente do homem de diversas maneiras: profissional, conjugal, social e afetiva. A mulher então considera que a felicidade pessoal não ocorre somente através do casamento e sim pela felicidade intrínseca e extrínseca. Nesse sentido, há uma constante busca de prazer e liberdade de ambos os sexos, entretanto, podem existir algumas críticas quando mulheres se comportam da mesma maneira que homens.

Smeha e Oliveira (2013) apontam: Para as mulheres, os homens têm preconceito quando elas se comportam do mesmo modo que eles, pois as mulheres, apesar dos avanços da contemporaneidade, são criticadas ao assumirem posturas aceitas e previstas somente para os homens (p.41). Ainda, a nova configuração do papel profissional da mulher foi valorizada uma vez que a mulher passou a ser independente financeiramente, o que deu outro lugar de importância ao casamento.

Visto que há uma divergência entre personalidades, valores e normas que cada ser humano dispõe, o que é natural, torna-se cada vez mais fácil a quebra da cultura de vínculos duradouros perante os conflitos dos casais e a disponibilidade de pessoas que buscam se relacionar, principalmente no meio digital (FERREIRA; FIORONI, 2008).

É possível encontrar vários traços individualistas nos relacionamentos amorosos. A desconfiança e insegurança levam a fragilidade de casais e o parceiro que cria concepções em sua cabeça age sem pensar nas consequências para com o outro. Dessa forma, os laços vão se tornando obsoletos, vão se desgastando e uma nova chama é acesa a partir do momento em que surge uma nova paixão e o parceiro é superado pela ascensão do prazer que inicialmente é sem defeitos e conflitos.

De acordo com Bezerra e Justo (2010):

Isso tudo tem um impacto ainda maior nas formas de se idealizar o amor ou, até mesmo, de se amar. Os relacionamentos passageiros, porém, incessantes, criam uma sensação de um sentimento intenso e prolongado. O amor pode durar, mas transitando por vários relacionamentos. (BEZERRA; JUSTO, 2010, p.196)

Em nosso contexto atual, está se tornando cada vez mais comum os relacionamentos pouco duradouros, principalmente em na camada de jovens adultos. Além disso, há uma grande variedade de troca de parceiros, pouca tolerância, paciência e mais imediatismo (SMEHA; OLIVEIRA, 2013).

No estudo de Bezerra e Justo (2010) que analisou os conflitos que surgem nos relacionamentos através de sites de agenciamento amoroso, foi identificado o descompromisso como sendo a reclamação mais citada nos relacionamentos.

Considerando esse cenário, no estudo de Smeha e Oliveira (2013) que tinha como objetivo identificar a percepção de jovens adultos sobre os relacionamentos amorosos, os autores identificaram que os jovens buscam uma relação para suprir a carência, a necessidade de ter uma pessoa para criar laços. Com base na fala dos entrevistados desse estudo, os autores puderam compreender que como há uma troca constante de parceiros devido à facilidade de encontrar outras pessoas, os homens sentem uma certa tentação em ser infiel, o que caracteriza esse comportamento como impulsivo, visando somente o prazer.

Mesmo que as concepções sobre os relacionamentos tenham sofrido alterações, o desejo de encontrar uma pessoa perfeita, estabelecer uma família e se casar com um vestido branco ainda é considerado o sonho de várias mulheres, mesmo diante da elucidação da individualidade (GABRIEL *et al.*, 2019).

Nesse estudo de Gabriel *et al.* (2019), concluiu-se que existem alguns aspectos que dificultam o estabelecimento de relações, como o excesso de ciúme, responsabilidade, desconfiança, traição, desrespeito para com o parceiro e sua liberdade, além do investimento excessivo de energia na relação. Foi identificado também que há um grande receio de assumir um relacionamento perante a responsabilidade que há sobre ele – o medo de se vincular está relacionado ao medo do sofrimento.

De acordo com Langford (1997 *apud* NEVES, 2007), as relações amorosas não estão seguindo um caminho democrático, visto que muitas mulheres são vítimas de problemas de saúde por tomarem como prioridade o homem em seu relacionamento, buscando apenas sanar as necessidades dele e deixando de lado os seus objetivos pessoais. Uma outra questão negativa nos relacionamentos heterossexuais é a própria desigualdade na relação, no qual, geralmente, a mulher se encontra em uma posição rebaixada.

Ainda na sociedade contemporânea, o casamento é utilizado por algumas mulheres como um meio para alcançar a autonomia, bem como a partir da sustentação de uma ideia de relacionamento puro, cujo início é marcado pelo amor existente pelos parceiros e pela satisfação mútua.

Giddens (1992), cita que existem dois tipos de amor, o amor romântico e o amor confluyente. O primeiro refere-se a uma identificação entre os parceiros no qual há uma identificação projetiva, onde o parceiro encontra a totalidade no outro. Em contrapartida, o amor confluyente representa bastante a sociedade atual, marcada por divórcios e troca de parceiros. Há uma igualdade na doação e recebimento de amor entre os casais até o ponto em que ambos demonstram cuidado e compartilham as necessidades, ou seja, a relação se mantém até o momento em que exista um benefício mútuo que justifique a permanência do relacionamento. O amor confluyente então diz respeito ao comprometimento afetivo e emocional entre os casais, não se pautando somente em relacionamentos monogâmicos nem heterossexuais.

Conforme citado por Giddens (1992), na sociedade atual o homem está percebendo a sua masculinidade problemática, o que é o oposto de séculos anteriores onde ele tinha uma postura superior à mulher. Ademais, os homens também se apaixonam e são influenciados pelas ideias do amor romântico. Esse romantismo por parte do homem se refere a um comportamento

de se curvar ao poder feminino e quebrar a divisão entre mulheres consideradas puras e mulheres impuras. O homem, portanto, tem uma postura de submissão à mulher e constrói sua vida em torno dela. Esse tipo de comportamento romântico por parte da figura masculina ainda é considerado como algo divergente da maioria, levando ao isolamento de seu grupo.

### 1.3 Quando o amor se torna doença

Sophia *et al.* (2007) mencionam que no início do século passado, Freud descreveu uma espécie de instinto de amor chamado Eros a partir da sensação de que uma pessoa histérica queria dizer algo por meio de seu corpo o que não conseguia expressar em palavras. Eros é entendido como tudo que pode ser integrado ao amor, incluindo o amor a si mesmo e ao ser humano, e também ao conhecimento e aos objetos abstratos. Portanto, o conceito de amor de Freud, é uma extensão do conceito de sexo, refere-se a uma série de processos psicológicos internos que orientam os desejos sexuais do indivíduo a um determinado objeto, no caso o parceiro, para obter satisfação.

Segundo Sophia (2008), através do ponto de vista psicológico, a procura por aprovação do parceiro(a) em um relacionamento pode ser comparada com a procura da segurança e afeto da relação simbiótica com a mãe. Na relação mãe-bebê, o outro e o mundo faziam parte indiferenciado do Eu, onde o bebê recebia afeto e suas necessidades eram rapidamente atendidas, ou seja, não havia sensação de falta.

Rodrigues (2009) afirma que a experiência que uma pessoa vivencia durante a infância tem muita influência sobre o fato dela esperar ou encontrar mais tarde uma base pessoal segura, isso também está relacionado à sua capacidade de iniciar e manter um relacionamento mutuamente benéfico ao fornecerem oportunidades. Por causa dessas interações, independentemente do primeiro padrão a ser estabelecido (seguro ou inseguro) é esse que tende a persistir.

Com uma função adaptativa e de extrema importância para o desenvolvimento sócio-afetivo principalmente nos primeiros anos de vida, o apego é o laço emocional que a criança estabelece com uma ou várias figuras do seu sistema familiar, propiciando segurança emocional, social, beneficiando assim a sua sobrevivência. A representação mental que as crianças fazem para descobrir como são as pessoas ligadas a ela, as interações e sensações que apresentam diante da proximidade ou ausência dessas pessoas, compõe, basicamente, esse vínculo de apego. (COLL *et al.*, 2004, p. 105).

Segundo Sophia *et al.* (2006) o padrão de relacionamento "carente x cuidador", apreendido pelo portador de Amor Patológico na infância através da observação (relação dos pais) ou da própria vivência (relação da criança com os pais), pode ser registrado e,

consequentemente, repetido nos relacionamentos amorosos atuais do portador de Amor Patológico.

A pessoa insegura sente que não é boa o suficiente para ser amada, aceita e reconhecida, mesmo que a realidade mostre o contrário. Os indivíduos inseguros estão mais propensos a se sentir satisfeitos com atividades que não tenham muitas pessoas envolvidas, já os indivíduos seguros têm mais facilidade, pois não tiveram dificuldades em seus relacionamentos anteriores. Geralmente esses indivíduos apresentam traços emocionais e comportamentais inflexíveis, que causam sofrimento a ele e a todos com quem ele convive.

Os indivíduos seguros apresentam interações mais seguras por não terem encontrado grandes dificuldades de relacionamento em sua vida passada e, assim, se sentirão naturalmente mais voltados ao interagir com terceiros, uma vez que isto nunca se configurou em um problema. Os indivíduos inseguros terão maior facilidade de sentirem realizados em tarefas onde não existem muitas pessoas com quem se relacionar e, desta maneira, sentir-se muito mais seguros e quem sabe até tranquilos nos trabalhos envolvendo uma relação mais direta com objetos do que com pessoas (RODRIGUES, 2009, p.5).

Segundo Sophia (2008), na psicologia tem sido demonstrado que uma pessoa autônoma que se cuida desenvolve um sistema imunológico altamente resistente a todos os tipos de doenças. Sem autonomia não há amor, apenas complacência.

Quando a maneira de amar é patológica e mesmo assim é mantida, ou seja, não se mostra apto nem para melhorar sua maneira de amar e nem para romper com o relacionamento insatisfatório, o sofrimento passa a ser excessivo e a saúde mental do indivíduo pode estar comprometida, assinalando para o clínico a necessidade do entendimento e do tratamento psicoterápico e medicamentoso do AP (SOPHIA, 2008, p.43).

O quadro de Amor Patológico, embora possa acontecer tanto no homem quanto na mulher, acaba tendo um maior sendo predominante no gênero feminino, mesmo estando em uma sociedade forte e empoderada, já que elas tendem a ver o relacionamento como uma prioridade. Algumas delas acabam chamando de amor a obsessão que sentem pelo seu parceiro, e mesmo se vendo em uma situação prejudicial, não conseguem se desligar de seus parceiros, medindo a intensidade do seu sentimento de acordo com a profundidade do seu sofrimento.

Com relação à predominância desta patologia nos gêneros masculino e feminino, estudos constataram que o padrão de Amor Patológico, afeta mais mulheres que homens. Foi observado que, atualmente, a população feminina enfatiza mais os comportamentos amorosos que os homens, julgando o relacionamento como uma prioridade da vida, atribuindo muita importância a aspectos de cunho romântico do tipo ganhar presentes, se sacrificar em nome do relacionamento, lembrar ocasiões especiais, dentre outras.” (SOPHIA *et al.*, 2006).

Indivíduos que apresentam quadro de Amor Patológico, apresentam uma instabilidade em relação ao que é ilusório e o real, onde o atual parceiro o amará e ao mesmo tempo se sentirá inseguro em relação a esse amor. Algumas atitudes acabam fugindo do controle e muitas vezes invadem a liberdade do parceiro, o que acaba gerando desentendimento entre ambos.

No AP, o que ocorre é que o indivíduo apresenta oscilação entre uma certeza (ilusória) de que o parceiro real (do presente ou do passado), irá amá-lo e uma insegurança referente ao amor desse parceiro. O sujeito costuma referir bem estar nos momentos de ilusão e, quando constata a realidade, ou seja, o distanciamento e/ou a rejeição por parte do parceiro, os sentimentos de raiva e culpa, se acentuam. (SOPHIA, 2008, p.55).

Segundo Sophia (2008), o amor patológico é caracterizado por dois tipos de comportamentos, sendo estes o comportamento de prestar cuidados e atenção ao parceiro, e o a forma desprovida de controle e repetitiva. Apesar de não ser raro e de acabar gerando um sofrimento, o Amor Patológico é um quadro pouco estudado cientificamente. Existem alguns critérios para identificação de um quadro de Amor Patológico tais como, sinais e sintomas de abstinência, ato excessivo de cuidar do parceiro, abandono de interesses e atividades antes valorizadas entre outros.

Segundo a introdução do “amor” como objeto científico, atualmente é possível encontrar vários estudos que apresentam uma diversidade de teses que perpassam explicações sobre as alterações fisiológicas provocadas por este sentimento, até sua importância psicológica e social, possibilitando ainda compreensões e comparações sobre o amor em nível considerado normal e patológico (CARVALHO, 2017).

O amor saudável faz bem, estimula coisas boas em si e no outro, e aumenta a autoestima, bem como a disposição. Existe diálogo na relação com maturidade, enquanto o amor patológico é uma distorção que machuca, corrói, e acaba produzindo raiva, angústia, além de trazer muitas consequências negativas.

Tendo em vista que nem todas as demonstrações de afeto são benéficas, quando o indivíduo tem um comportamento de cuidado excessivo sob a pessoa amada isso acaba se tornando um quadro de Amor Patológico. O indivíduo passa a viver exclusivamente para o parceiro, tendo condutas um pouco sufocantes com a esperança de receber de volta toda atenção e carinho que é dada, e quando percebem que dão mais que recebem, acabam ficando tristes e sofrem.

Entretanto, nem todas as manifestações do amor são saudáveis. Quando um sujeito prioriza as atividades de cuidar e prestar atenção excessivamente e sem controle ao ser amado, gerando danos emocionais a ele mesmo e às pessoas próximas, tem-se caracterizado um quadro de Amor Patológico, que pode se manifestar em indivíduos

de personalidade vulneráveis, que apresentam sentimentos de repúdio e baixa auto-estima, podendo também esta patologia se desenvolver a partir de outras disfunções psiquiátricas, estando vinculada a sintomas ansiosos e depressivos. (SOPHIA; TAVARES; ZILBERMAN, 2006).

Há uma semelhança entre o quadro de amor patológico e o de dependência de substâncias químicas, e isso se deve a sentimentos e comportamentos semelhantes entre ambos. Como aponta Sophia (2006), assim como ocorre com o dependente químico que inicia o uso da “droga de escolha”, o portador de Amor Patológico acredita que o parceiro trará significado para sua vida, ilusão que inicialmente alivia a angústia de ter que dar conta de si mesmo.

A comparação do amor com drogas é bem comum de ser feita, o estado de euforia despertado pelo amor é muito parecido com o uso de substâncias que viciam, ou seja, o amor age no corpo de forma parecida com o uso da cocaína, e uma das substâncias liberadas pela droga é a dopamina, que está relacionada com o amor. Sendo assim a dependência do amor ocorre pela mesma lógica que o organismo se torna dependente de outras substâncias químicas.

Segundo Sophia (2006), o amor patológico apresenta características semelhantes às aquelas relacionadas à dependência do álcool e outras drogas, confirmando que seis características de diagnóstico aparecem nas duas patologias. É possível destacar os sintomas de abstinência como insônia, taquicardia, ansiedade, entre outros que são apresentados na ausência do parceiro.

Indivíduos que sofrem com a dependência afetiva, tem dificuldades de viver bem sem o companheiro, pelo fato, do mesmo depositar no outro a expectativa de preencher o vazio. A pessoa sente medo de errar e ser rejeitada, fazendo com que ela não se sinta capaz de tomar decisões ou realizar ações sozinha. O indivíduo entra em um estado de colapso diante da possibilidade de perder a pessoa amada, e isso traz sérios transtornos para a sua vida. Ele sente a necessidade de ter uma pessoa ao lado para se sentir seguro, de modo que o outro passa a ser colocado em uma posição de preencher um vazio, como se fosse responsável pela sua completude. A dependência afetiva tem sinais claros, mas quem está na situação não consegue enxergá-los.

Segundo Rodrigues (2009) depender da pessoa que se ama é uma forma de se enterrar, é um ato psicológico autodestrutivo em que o amor próprio e o respeito são atendidos e expostos de forma irracional, e acabam se tornando normais e não anormais, invertendo os valores.

Situações e sentimentos provenientes do Amor Patológico, já descritos anteriormente como: dependência emocional do parceiro apresentando alterações psicológicas e fisiológicas (dos tipos: insônia, taquicardia, tensão muscular, ansiedade) na ausência do objeto

amado; o gasto exacerbado e frequente de tempo e energia para manter o parceiro sob controle; a desvalorização dos próprios interesses prejudicando a realização e desenvolvimento pessoal e profissional; o sentimento de impotência para tomada de atitudes que visem tratar o problema, baixa autoestima; sentimento de menos valia. Todas essas citadas, dentre outras, são fontes de sofrimento e perda de qualidade de vida para quem é refém dessa realidade, necessitando assim de ajuda especializada (CARVALHO, 2017).

Dentro do quadro de Amor Patológico existem dois tipos de relacionamentos: o abusivo e o tóxico. Ambos são diferentes, mas nesses dois casos é muito difícil o indivíduo se libertar, apesar de ser extremamente necessário, pois os dois trazem prejuízos para o indivíduo mais vulnerável, e quase sempre quem está no interior da relação não consegue identificar o que está vivendo.

A violência psicológica é a principal característica de uma relação abusiva e pode ser caracterizada como qualquer conduta que busque diminuir, manipular, controlar, humilhar, chantagear ou/e quaisquer outros atos que visem causar danos emocionais a vítima. Por ser uma violência de difícil constatação, a vítima, por não conseguir compreendê-la, acaba sofrendo em silêncio, acarretando diversos problemas mais graves, como depressão, fraqueza, baixa autoestima, insegurança e até mesmo suicídio.

É importante enfatizar que a violência psicológica causa, por si só, graves problemas de natureza emocional e física. Independentemente de sua relação com a violência física, a violência psicológica deve ser identificada, em especial pelos profissionais que atuam nos serviços públicos, sejam estes de saúde, segurança ou educação. Não raro, são detectadas situações graves de saúde, fruto do sofrimento psicológico, dentre as quais se destacam: dores crônicas (costas, cabeça, pernas, braços etc), síndrome do pânico, depressão, tentativa de suicídio e distúrbios alimentares. Como já dito anteriormente, isso significa que a violência psicológica deve ser enfrentada como um problema de saúde pública pelos profissionais que ali atuam, independentemente de eclodir ou não a violência física. (SILVA, 2007, p.100).

É preciso deixar claro que em alguns casos, quando a vítima percebe a condição de dominação e abuso em que se encontra, o abusador tende a ameaçá-la com o rompimento do relacionamento e leva a constantes lesões a honra objetiva do indivíduo, retratando assim mais um tipo de violência, além do medo, da dependência emocional e financeira, o sentimento de culpa.

Estas situações retratam claramente o medo gerado por um relacionamento abusivo, mas a forma como isto é percebido pelo consumidor visto apenas como uma fase da relação, que é o grande problema. Frequentemente a “estratégia” utilizada pelo agressor passa pela mobilização emocional e psicológica da pessoa vitimizada para satisfazer todas as suas necessidades de atenção, de carinho e de importância. De forma dissimulada o agressor tenta inferiorizar a pessoa, tornando-a dependente e com sentimento de culpa (MADEIRA, 2013, p.20).

O relacionamento tóxico é aquele em que a vítima sente-se mal, presa a uma relação, sem crescimento pessoal, enquanto o agressor está acostumado a reclamar. Em uma relação tóxica há muita falta de liberdade, cobranças excessivas e muito ciúme e pode até evoluir para o ataque físico, em que, na maioria das vezes a pessoa tóxica não percebe a sua conduta.

Sabemos hoje que a violência psicológica ou emocional é uma agressão tão ou mais prejudicial que a violência física, sendo considerada a mais silenciosa delas. Por poder ser tão sutil, faz com que, muitas vezes, não seja corretamente identificada, de modo que nem a própria pessoa que é violentada tem a real noção de que está a ser alvo deste tipo de agressão (MADEIRA, 2013).

O relacionamento tóxico é o desejo de controlar o parceiro(a), apenas pelo desejo de controlar, e esse comportamento vai surgindo aos poucos, e passando dos limites causando dor e sofrimento. No relacionamento tóxico existem alguns sinais que convergem para o acúmulo de chateações, ansiedade e medo, críticas exageradas, onde tudo o que acontece a culpa é do parceiro e suspeitas acontecem o tempo todo. É preciso reconhecer os sinais e também procurar amparo psicológico para lidar com as consequências causadas pela relação.

#### **1.4 Justificativa**

Mesmo no século XXI, a violência psicológica ainda é pouco discutida, e assim como explicado por Silva *et al.* (2007), quando começa a mostrar ao público as primeiras manifestações de violência psicológica, a sociedade passa a ter recursos para identificá-la antes que ela se agrave ou mesmo se torne uma violência física. Isso revela que o assunto precisa ser melhor estudado e divulgado, pois, percebe-se a importância a violência apenas quando esta se torna visível, deixando marcas no corpo, entretanto, compreender os primeiros sinais de violência psicológica se torna um trabalho de prevenção.

É necessário dar a devida importância para essas situações, pois muitas vezes elas podem afetar o indivíduo de forma direta ou indireta, com consequências como: depressão, isolamento social, insônia, distúrbios alimentares, entre outros. Sendo assim, o estudo destes tipos de relacionamentos podem ajudar a prevenir consequências emocionais e físicas, que afetam não apenas o sujeito envolvido diretamente, mas também a sociedade de uma maneira geral.

## **2 OBJETIVOS**

*Abaixo seguem os objetivos almejados pelo estudo:*

### **2.1 Objetivo geral**

Compreender os aspectos emocionais que permeiam os relacionamentos abusivos ou tóxicos em relacionamentos heterossexuais.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Verificar as vivências dos indivíduos que passaram por relacionamentos abusivos ou tóxicos.
- Identificar as maneiras de enfrentamento desses indivíduos.

### **3 METODOLOGIA**

A metodologia aponta as formas em que a pesquisa foi conduzida, descrevendo características do local onde ocorreram as entrevistas, relatando quem foram os sujeitos e suas características (gênero, idade, status civil, profissão, entre outros), além dos procedimentos, aspectos éticos e o tratamento de dados utilizado para a construção do estudo. Sempre com o intuito de fazer compreender a forma como cada um desses detalhes interferiu na condução da presente pesquisa

#### **3.1 Local**

Os participantes foram convidados a colaborar com o presente trabalho através de uma entrevista semiestruturada, sendo realizada de forma online pela plataforma de chamada de vídeo Google Meet, que possui segurança, mantendo o sigilo das entrevistas.

#### **3.2 Sujeitos**

Participaram deste estudo 4 (quatro) participantes de ambos os sexos na faixa etária de 25 (vinte e cinco) a 50 (cinquenta) anos, que relatam ter vivenciado algum tipo de relacionamento abusivo ou tóxico. Foi usado como critério de exclusão não se enquadrar nas características descritas.

Os dados da pesquisa foram coletados através de uma entrevista semiestruturada, com questões norteadoras que contemplam os objetivos do presente estudo. (APÊNDICE A)

#### **3.3 Características dos sujeitos**

A amostra do estudo foi composta por 4 (quatro) participantes, seguindo como critério de inclusão pessoas de ambos os sexos, faixa etária de 25 (vinte e cinco) à 50 (cinquenta) anos, heterossexuais e que tenham experienciado relacionamentos tóxicos ou abusivos.

**Quadro 1** – Dados de identificação dos participantes

<b>Participantes</b>	<b>Idade</b>	<b>Grau de Escolaridade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Profissão</b>
<b>P1</b>	44 anos	Superior Completo	Feminino	Professora
<b>P2</b>	27 anos	Superior Completo	Masculino	Professor
<b>P3</b>	49 anos	Superior Completo	Feminino	Biomédica
<b>P4</b>	31 anos	Superior Incompleto	Feminino	Cabelereira

Fonte: Produção das autoras

A tabela acima refere-se aos quatro participantes que foram entrevistados para o presente trabalho. Através dela é possível observar que a idade varia de 27 a 49 anos, sendo três do sexo feminino e um do sexo masculino. Entre eles, três possuem o ensino superior completo e um incompleto, em que dois atuam como professores, uma como biomédica e por fim uma cabelereira.

### **3.4 Procedimentos**

Para o presente estudo foi utilizado o esquema bola de neve com os participantes. Segundo Vinuto (2016) a amostragem conhecida como Bola de neve é um método para amostras não probabilísticas, tendo como base a cadeia de referência, ou seja, baseado neste tipo particular de amostragem, é impossível determinar a probabilidade de seleção de cada participante do estudo, mas será útil estudar alguns grupos de difícil acesso.

O método bola de neve acontece da seguinte forma: as sementes, que são encontradas a partir de documentos ou informantes, tem o objetivo de encontrar pessoas com o perfil fundamental para o estudo, a partir da população geral. As sementes ajudam o pesquisador a dar início aos contatos e explorar o grupo a ser pesquisado. Isso acontece quando uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável.

A maior vantagem desse formato de amostra é que ele seleciona participantes que indicam outras pessoas conhecidas, o que acaba aumentando a confiabilidade no pesquisador.

A Resolução 010/12 do Conselho Federal de Psicologia (2012) considera que toda pesquisa a ser realizada com seres humanos deverá ser submetida ao Comitê de Ética.

A entrevista foi semiestruturada, conduzindo os participantes aos objetivos do presente estudo, de acordo com as suas vivências. Cada entrevista foi feita em um único encontro online com duração média de 1:00h, sendo gravada e transcrita integralmente.

### **3.5 Aspectos éticos**

Em concordância com a resolução 466/2012 pertencente ao Ministério da Saúde - Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, os aspectos éticos foram cumpridos e acatados. A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética, parecer número: 4.639.457 no dia 09 de Abril de 2021. (ANEXO I)

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE ) , assim como indicado pela Resolução 466/2012, foi redigido de forma clara e objetiva, com o intuito de esclarecer qualquer possível dúvida em relação à pesquisa e também garantir sigilo total da identidade e informações obtidas, além da liberdade para a desistência por parte do participante, independente da fase da pesquisa e assistência aos mesmos. Esse documento possui duas vias, ficando o participante com uma cópia e as pesquisadoras com outra.

Ressalta-se que toda e qualquer pesquisa que envolva seres humanos possui um grau de risco, que pode ser relacionado a aspectos físicos, psíquicos, morais, intelectuais, culturais ou espirituais do indivíduo. Dessa forma, buscou-se avaliar e minimizar os possíveis riscos que pudessem vir a existir a esses participantes.

Os participantes estavam cientes de que a entrevista seria gravada e posteriormente transcrita na íntegra (mantendo suas identidades em sigilo), e caso alguma questão resultasse em desconforto psicológico ao participante, o procedimento poderia ser interrompido provisoriamente ou em definitivo. Perante essas situações, as pesquisadoras poderiam encaminhar ao serviço da Clínica Escola de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá, onde alunos do curso de Psicologia realizam atendimento psicológico sob supervisão de professores da instituição.

### **3.6 Tratamento de Dados**

O tratamento de dados foi fundamentado aos pressupostos teóricos de Bardin (2016), que explica a análise de conteúdos como um conjunto de técnicas para analisar as comunicações, fazendo uso de procedimentos sistemáticos e objetivos para levantamento do conteúdo das mensagens, e que a intenção dessa análise é a inferência de conhecimentos relacionados a forma de produção ou recepção, que irá recorrer a indicadores que podem ser quantitativos ou não.

Bardin (2016) descreve que as fases da análise de conteúdo se organizam em três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material e por fim, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. O primeiro tem objetivo de organizar, objetivando operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais. O segundo corresponde à administração sistemática das decisões tomadas no polo anterior. Por fim, o terceiro tem o objetivo de fazer com que os resultados brutos se tornem significativos e válidos, podendo propor inferências e adiantar interpretações relacionadas aos objetivos previstos, ou mesmo, descobertas inesperadas.

O método utilizado foi o qualitativo, que como descrito por Minayo (1993), possibilita ao pesquisador, transformar as informações de entrevistas individuais para a compreensão grupal e da comunidade. Com esse método, é possível trabalhar significados, crenças e valores, e fazê-los se tornar categorias.

## 4 RESULTADOS

A partir das entrevistas foi possível estruturar categorias e subcategorias, que viabilizaram a análise dos dados coletados.

**Quadro 2** – Características dos relacionamentos tóxicos/abusivos

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
4.1 Dificuldade de identificar o tipo de relacionamento	
4.2 Idealização	
4.3 Constatação da Realidade	
4.4 Redes de suporte psicossocial	4.4.1 Família
	4.4.2 Equipe de Saúde
4.5 Dificuldade de apoio	
4.6 Enfrentamento	
4.7 Culpa	
4.8 Pressão emocional	
4.9 Fragilidade	
4.10 Sedução	
4.11 Violência	4.11.1 Violência Doméstica
	4.11.2 Violência Externa
4.12 Dependência Emocional	
4.13 Medo do Parceiro(a)	
4.14 Dificuldade de assumir o relacionamento tóxico	
4.15 Ressignificando a vida	
4.16 Baixa Autoestima	
4.17 Sequelas emocionais	
4.18 Amor Patológico	
4.19 Sujeição	
4.20 Diferenças de Gênero	4.20.1 Agressão
	4.20.2 Rede de Apoio
	4.20.3 Sentimento de Posse

Fonte: Produção das autoras

A seguir, verifica-se cada uma das categorias e subcategorias apresentadas anteriormente, compostas pelas falas dos entrevistados.

### 4.1 Dificuldade de identificar o tipo de relacionamento

Por meio dessa categoria foi possível demonstrar que os participantes apresentaram dificuldade em identificar o tipo de relacionamento destrutivo em que se encontravam, demonstrando falta de conhecimento sobre as diferentes características desses tipos relacionamentos.

A participante (P1) explicou a dificuldade em conseguir compreender o relacionamento que está vivendo: *“mesmo tendo estudo, acesso à informação, quando você está dentro de um relacionamento desse tipo, é difícil você perceber”* (P1), e como acreditava que um relacionamento só se tornava abusivo quando havia violência física: *“porque pra mim o abusivo era quando chegava na agressão física”* (P1).

Já o participante (P2) demonstrou dificuldade em compreender, e também uma auto responsabilização sobre os aspectos do relacionamento: *“É, eu classifico mais tóxico, só que houve alguns momentos que houve um certo abuso de ambas as partes.”* (P2)

## **4.2 Idealização**

É possível observar nessa categoria, o quanto alguns participantes idealizaram o relacionamento e os respectivos parceiros, e como isso os ajudava a mascarar as dificuldades ali contidas.

O participante 2 descreveu a forma como se é idealizado o primeiro amor e o primeiro relacionamento, e a expectativa criada de que seria para sempre, que o impedia de findar essa relação *“aí a gente tinha períodos muito ruins, e não tinha coragem de largar, porque a gente era adolescente, e parece que o primeiro namoro a gente idealiza que vai ser pra sempre, né?”*(P.2).

Já a participante 4 vinha de um relacionamento com muitos abusos e violências físicas quando conheceu o parceiro, e ele a protegeu das agressões do ex que se mantiveram mesmo após o término. Por esse motivo, ela o via como o salvador, a pessoa que a protegeria de qualquer mal, idealizando que o relacionamento com ele não teria como ser danoso: *“Porque eu via ele como o meu herói, meu herói! Ele me salvou da situação que eu estava vivendo, que eu estava sendo agredida fisicamente, entendeu?”*(P.4).

## **4.3 Constatação da realidade**

A partir dessa categoria foi possível observar nos relatos dos participantes o momento em que tiveram a percepção de suas vivências e o fato de que não eram convergentes

com a expectativa criada ou vivência anterior com o parceiro, demonstrando certa insatisfação com a realidade em que se encontravam.

Para a participante 1, esse momento se deu durante uma viagem em família que aconteceu logo após a mudança do antigo parceiro para o país, e seria o momento ideal para inseri-lo na família e ser um momento de prazer, mas que foi interrompido com agressões verbais na frente de seus parentes, constringendo-a e assustando-a *“eu já comecei a perceber uma pessoa diferente daquela que eu me relacionei anteriormente”* (P.1).

Já para a participante 3, esse momento se deu após anos casada, em que já não via mais perspectiva de melhora na relação, quebrando toda a idealização criada anteriormente, percebendo como essa relação impactou também outros aspectos de sua vida *“porque não é a vida que eu sonhava ter”* (P.3).

#### **4.4 Redes de suporte psicossocial**

Nessa categoria observa-se quais redes de suporte psicossocial os participantes buscaram e obtiveram apoio, além de como e quando, sendo dividida em duas subcategorias, que são: *família e equipe de saúde*.

##### **4.4.1 Família**

A partir dessa subcategoria, é possível notar o amparo que os familiares proporcionaram aos participantes e a forma que esse apoio impacta na vida, no relacionamento e na forma de agir desse indivíduo sobre esse relacionamento destrutivo.

A participante 1 descreve o apoio que teve no momento em que rompeu o relacionamento em questão, apresentando o quanto o suporte oferecido foi importante para que conseguisse se reestruturar emocional e financeiramente após o término: *“Nesse momento, pra sair tive a minha família que de certa forma conviveram comigo, e por estar mais próximos a mim muitas coisas eles viam e eu nem precisava falar, eles me deram um suporte emocional, e financeiro também pra eu conseguir ter meu canto. Eu tive suporte emocional de uma amiga, eu falo que ela é uma pessoa não largou a minha mão o tempo todo (começou a chorar)”* (P.1).

Já a participante 4 apresenta a atitude que tomava em situações de desavenças com o parceiro e a segurança que sentia ao saber que mesmo em uma situação negativa, havia um local em que encontraria o afeto que buscava: *“eu ia para casa da minha mãe. Porque eu tinha colo, entendeu?”* (P.4).

#### 4.4.2 Equipe de saúde

Nessa subcategoria, observa-se a partir da fala da participante (P3), que a rede de apoio não necessariamente precisa de laços afetivos para ser suporte, apresentando em sua fala, como os serviços de saúde física e mental a auxiliaram em suas experiências: *“Tive sim, tive atendimento psicológico, mesmo de médico, amigos também, eu sempre expus pra todo mundo o que acontecia, eu não escondia de ninguém, eu conversava bastante, as pessoas se envolviam.”* (P3).

#### 4.5 Dificuldade de apoio

É possível reparar, a partir dessa categoria, que a dificuldade de encontrar apoio também existe. Em seu relato, a participante 4 (P4) descreveu alguns momentos em que buscou amparo em diferentes locais, como: serviços de segurança pública ou privada, parentes do parceiro, amigos, entre outros, mas não o obteve. É importante destacar a forma como essa falta de suporte dificultava o rompimento do ciclo de violências físicas e verbais que estava vivendo, em alguns momentos, até mesmo se auto responsabilizando pela situação em que se encontrava: *“E aí eu já estava muito alterada, eu comecei a xingar ele de tudo quanto é nome, aí ele veio na frente do PM, ele me deu uma rasteira e eu caí. Ele me chutou na frente do PM, o PM falou “Para de xingar ele, por que senão eu vou ter que parar esse cara só na bala! Eu estou sozinho aqui!”* (P4).

#### 4.6 Enfrentamento

Nessa categoria, foi possível observar, a partir dos relatos, as formas de enfrentamento que os participantes utilizaram para lidar com o relacionamento destrutivo e com o término. A participante 1 (P1) descreveu a importância de ter se mudado para outra residência. A partir disso, foi possível compreender as circunstâncias que permeavam o relacionamento, que até então não havia percebido, e como isso a auxiliou no distanciamento do ex companheiro: *“a partir do momento que eu consegui sair de dentro da casa, que eu consegui me afastar mesmo dele, eu comecei a perceber todas as situações erradas e desagradáveis eu não ia voltar”* (P1).

#### 4.7 Culpa

Nessa categoria, o participante 2 (P2) demonstra a compreender que tinha atitudes destrutivas com a parceira, expressando a responsabilização de si mesmo sobre as circunstâncias de seu relacionamento e a culpa sentida por esses comportamentos também considerados por ele negativos, como o machismo por ver sua então parceira como sua propriedade, por vezes fazendo comentários danosos a ela motivados por esse sentimento: *“A questão da posse, de ter a mulher como objeto, ninguém toca nela, ninguém olha pra ela, e infelizmente partia muitas vezes de mim a toxidade, enfim.”* (P2)

#### **4.8 Pressão emocional**

Na categoria voltada para a pressão emocional, foram observadas formas usadas pelos parceiros para atingir de maneira psicológica, afetando a forma como essas participantes passaram a enxergar o relacionamento em que estavam inseridas e sua responsabilidade na situação, ou afetar a forma de encarar as experiências negativas existentes em um relacionamento, como discussões ou brigas.

A participante 1 (P1) relatou que ao longo do relacionamento o parceiro sempre a responsabilizava pelas questões que surgiam no interior da relação, dizendo que ela estava com depressão pós-parto, entrando na menopausa, a culpando, inclusive, pelo processo migratório de seu país de origem, além de outras queixas. E ela relatou que no início conseguia compreender que muitas daquelas falas não eram verdadeiras, mas que ao longo do relacionamento passou a se sentir culpada, chegando a ir a médicos acreditando que ela precisava de um tratamento para que seu relacionamento melhorasse: *“ele falou todo esse tempo que eu estava diferente, que depois que a neném nasceu eu mudei muito, e por muito tempo eu comprei isso”*. E foi apenas no fim do relacionamento que ela relatou ter conseguido perceber essa situação *“só que eu não enxerguei isso, eu peguei a culpa das coisas que estavam acontecendo, então eu não percebia na fala, na pressão psicológica o que ele fazia”* (P1).

Já a participante 4 (P4) descreve como essa pressão emocional exercida pelo companheiro fazia com que ela não conseguisse discutir ou argumentar, de forma que a reação que ela tinha durante essas situações era agredi-lo, mesmo sendo algo que vai contra aquilo que ela acreditava ser correto. *“Na hora que ele me ofendia psicologicamente, eu revidava agredindo ele”*(P4). Ela ainda relatou ter desenvolvido esse comportamento após um relacionamento anterior em que era agredida fisicamente, e que, segundo ela, após algumas agressões, passou a agredir também como forma de defesa.

## 4.9 Fragilidade

Nessa categoria observou-se uma característica anterior ao relacionamento destrutivo, que era a baixa autoestima da participante, sendo este um dos principais pontos que o antigo parceiro tocava, fazendo com que ela se sentisse cada vez pior consigo mesma. *“Eu, eu uso antidepressivo porque eu já tenho uma autoestima baixa, já é, já é do meu perfil assim, eu, eu ter uma autoestima baixa. Então, é... ele, depois que descobriu esse ponto fraco meu, ele passou a cutucar ali, sabe?”* (P4). Ela descreveu que as falas desse parceiro eram muito piores que as agressões físicas do parceiro anterior, pois ao lado dele se sentia diminuída, e mesmo sabendo de suas qualidades, quando ele a ofendia, passava a não acreditar mais em si mesma.

## 4.10 Sedução

A categoria da sedução é caracterizada pelo momento em que, após término, discussões ou agressões, o parceiro retorna com atitudes sedutoras, com o intuito de reverter a situação. Esses comportamentos foram descritos a partir de falas mais carinhosas, pedidos de desculpas, presentes, promessas de mudança, etc.

A participante 4 (P4) descreveu que após discussões, traições e uma agressão física, decidiu pelo fim do relacionamento, retornando à casa de sua mãe, mas após alguns dias ele foi até ela na tentativa de mudar a sua decisão sobre o término. *“E ele chegou lá com um buquê de flor na casa da minha mãe. Um buquê enorme, todo vermelho, e fazendo mil promessas: ‘Ai, que eu te amo, você é a mulher da minha vida. Me perdoa, e blá blá blá....’. Voltei com ele. Voltei. Acreditei...”* (P4).

## 4.11 Violência

A categoria violência refere-se a agressões vividas ao longo do relacionamento, e foi dividida em duas subcategorias: Violência doméstica e Violência externa. A primeira está relacionada com agressões vividas dentro do ambiente da casa, enquanto a segunda foi observada quando as pessoas agredidas não conviviam no mesmo ambiente que o casal.

### 4.11.1 Violência doméstica

Essa subcategoria refere-se à violência doméstica, abrangendo agressões físicas e emocionais vividas pelos participantes e também por seus familiares. A participante 1 (P1)

descreve a violência emocional vivida pelo filho com o antigo parceiro, afirmando que seu parceiro o tratava de forma ríspida, fazendo com que, a longo prazo, o adolescente se mantivesse a maior parte do tempo no quarto: *“Ele ficava bravo se meu filho abria a boca, mandava ele ficar quieto”* (P1).

Já os participantes 2 (P2) e 4 (P4) descreveram agressões físicas vivenciadas em seus antigos relacionamentos. O participante 2 (P2) relatou que durante uma discussão, a antiga namorada o agrediu com um soco, *“já teve agressão física, teve uma vez que ela me deu um soco rs”* (P2). Após esse episódio ele relatou ter ficado mais preocupado com as reações dela em situações de desavenças.

Na exposição da participante 4 (P4) sobre as suas vivências com o antigo parceiro, observou-se que as agressões eram muito sérias, e que, por vezes, eram necessários cuidados médicos: *“Nossa, ele chutou tanto na cabeça que eu desmaiei”*; *“Não sei como ele não me matou, na verdade. Esse dia me tiraram de lá desmaiada.”* (P4). Esses dois relatos aconteceram após um dos terminos, em que ela saiu com amigas, e o já ex a agrediu por se sentir desrespeitado por ela.

#### **4.11.2 Violência externa**

Nessa subcategoria observou-se situações de agressão com pessoas fora do vínculo doméstico dos participantes. Na declaração do participante 2 (P2), sua antiga namorada, movida por ciúmes, acabou por agredir colegas de escola: *“Teve uma vez que, na escola, tinham umas meninas que mexiam comigo, né, e ela sentou o cacete na menina na escola.”* (P2).

Já no caso da participante 4 (P4), em um dos momentos de tentativa de término com o então namorado, em que ele ia atrás dela em vários lugares, ele foi até a casa da mãe da participante, que ao avistá-lo tentou fechar o portão, e numa briga corporal em que ela tentava fechar o portão e o rapaz tentava abri-lo, ele acabou a machucando: *“Teve um dia também que ele prendeu a mão da minha mãe um no portão, que minha mãe ia abrir o portão ele vinha chegando”* (P4).

#### **4.12 Dependência emocional**

Nessa categoria, a participante 4 (P4) descreve a forma como compreende a dependência emocional que desenvolveu no relacionamento, e a forma como se sentia afetada por essa situação. Ainda discorre sobre como tal fato a impactava na forma em que encarava a

relação, fazendo com que mesmo que percebesse a existência de um vínculo destrutivo, se mantivesse nessa circunstância.

A participante deixa claro que esse sentimento de necessitar se manter nesse relacionamento alterava até mesmo sua percepção da vida, fazendo com que acreditasse que era aquela relação negativa que ela merecia viver: *“Mas aí, essa dependência emocional, a lavagem cerebral, entendeu, que às vezes o parceiro faz na cabeça da mulher de achar que ela não é suficiente, sabe? Que ela não vai conseguir nada melhor que aquilo, e a gente fica tão apavorada que a gente fica nisso”* (P4).

#### **4.13 Medo do parceiro(a)**

Nessa categoria, observou-se o medo que os participantes 1 (P1) e 2 (P2) sentiam de seus parceiros em diferentes circunstâncias, e como esse sentimento repercutiu em suas tomadas de decisões ou mudanças de comportamentos.

No relacionamento vivido pela participante 1 (P1), mesmo descrevendo não ter vivido nenhuma situação de agressão física, ela demonstrava medo de como o antigo companheiro poderia reagir caso ela tentasse dar fim ao relacionamento, e também medo de possíveis consequências, como a forma que ele lidaria, se tentaria algo contra ela e seus filhos, entre outros. *“Eu tive muito medo de sair desse relacionamento e ter algum tipo de consequência, porque você na verdade nunca sabe como vai ser a reação do outro né”* (P1).

Já o participante 2 (P2) manifestou que passou a sentir medo de como sua namorada poderia responder a uma discussão, pois ele já havia sido agredido fisicamente com um soco, e ela não via problemas em brigar ou discutir independentemente do local, que era algo que constrangia o participante. Ele conta: *“Eu acho que ela ia fazer barraco, ela era meio barraqueira, ela não levava desaforo pra casa”* (P2).

#### **4.14 Dificuldade de assumir o relacionamento tóxico**

Nessa categoria, os participantes descreveram a dificuldade em assumir o relacionamento para as pessoas, revelando sentirem vergonha, uma característica comum entre os participantes 1 (P1), 2 (P2) e 4 (P4), além do medo que os três relataram em relação a se sentirem julgados.

A participante 1 descreveu a sua vontade de contar para as pessoas sobre o que estava passando e pedir ajuda, mas por se entender como uma pessoa instruída, havia a preocupação de julgamentos por, mesmo com conhecimento, não ter observado o tipo de

relacionamento em que estava inserida: *“Querida falar pras pessoas o que eu estava passando, mas ao mesmo tempo eu tinha vergonha”* (P1).

Nos relatos do participante 2 (P2), sua dificuldade era ampliada pelo machismo, pois as pessoas poderiam julgá-lo por ser homem e estar vivendo um relacionamento com traições e violência física, tendo em vista que ele chegou a ser golpeado com um soco. Ele argumenta: *“E eu acho que eu tinha vergonha disso, né, da situação, de estar com ela mesmo depois das coisas que aconteceram”* (P2).

Já no relato da participante 4 (P4), a vergonha se dava pela dificuldade em ter percebido que era uma relação devastadora, e que ela tinha dificuldades de dar um fim, e por esse motivo sentia que as pessoas faziam comentários e julgamentos sobre ela e sobre a relação: *“Que acaba ficando com vergonha das pessoas, sabe? As pessoas julgam “ah, essa daí gosta de apanhar de homem”, “ela gosta de homem que não presta”*. (P4).

#### **4.15 Resignificando a vida**

A partir dessa categoria, observou-se como os participantes ressignificaram as vivências de seus antigos relacionamentos, e como se sentem atualmente sobre as experiências vivenciadas no passado. A participante 1 (P1) descreveu que após o término do casamento, ao invés de voltar a morar na casa dos pais com seus filhos, buscou um lugar para si, com a ajuda de seus familiares. Para ela, essa mudança somada ao fim do relacionamento correspondeu à chance de tentar viver sua vida de forma diferente: *“É um recomeço, e eu estou feliz pela oportunidade de poder recomeçar”* (P1).

Para o participante 2 (P2), essa experiência ruim foi vista como aprendizado, em que, apesar de vivências negativas, ele sentiu que conseguiu amadurecer no que diz respeito a não se manter em situações destrutivas ao perceber que não há a possibilidade de mudança, além de descrever que atualmente reconhece melhor seus limites dentro de uma relação e aprendeu a se posicionar sobre o que faz ou não bem para si: *“Digamos que eu aprendi com isso tudo que quando não é pra ser, não é pra ser, não adianta você ficar dando murro em ponta de faca, né, como dizem. É, eu acho que o meu aprendizado é esse, né?”* (P2).

Com esses relatos, os participantes demonstraram a capacidade de readaptação após situações adversas, além da menção sobre como conseguiram obter aprendizados, como por exemplo, o que esperam de um relacionamento, além da possibilidade de se expressar quando algo os afeta.

#### 4.16 Baixa autoestima

A partir dessa categoria, foi possível observar como vivenciar esses relacionamentos tóxicos ou abusivos implicou na forma com que as participantes se sentiam em relação a si mesmas, descrevendo sensações de baixa autoestima e frustração. A participante 1 (P1) apontou a quebra da expectativa de amor ideal que possuía, e como sentia que ter se submetido a essa relação e não ter agido com antecedência também era uma característica de falta de amor próprio: *“Não é o tipo de amor que eu queria, e também foi um pouco de falta de amor por mim, por deixar as coisas chegarem a esse ponto”* (P1).

Na fala da participante 3 (P3), percebe-se a existência de frustração devido ao fato dela se manter em um relacionamento que não corresponde ao planejado no início, e como a situação como um todo, resulta em uma autoestima baixa por não ter alcançado a vida que almejou anteriormente: *“Eu me sinto uma droga, uma merda, porque não é a vida que eu sonhava ter”* (P3).

#### 4.17 Sequelas emocionais

Na categoria voltada para as sequelas emocionais, observou-se que mesmo após o término, a participante 1 (P1) descreve ter sensações semelhantes à sintomas de ansiedade quando precisa encontrar o ex parceiro, já que ele é pai de sua filha. Ela relatou sentir tremores, coração acelerado, respiração ofegante e mal estar, nessas situações, evitando ao máximo falar com ele quando estão no mesmo ambiente. *“Em alguns momentos que eu tenho que ver ele, estar perto dele, eu não consigo ficar muito tempo perto, porque senão eu começo ficar agitada, me vem aquelas sensações ruins”* (P1).

#### 4.18 Amor patológico

Nessa categoria, observou-se a forma como o amor patológico pode estar presente na pessoa que inicia a toxicidade ou os abusos, mas também pode ser observado no sujeito que sofria com o relacionamento inicialmente. É uma distorção da forma de amar, de modo que esse amor machuca, ou seja, a vida da pessoa que sofre com o amor patológico passa a girar em torno do companheiro, deixando de lado seus próprios interesses que antes lhe dava prazer.

O participante 2 (P2) descreve que, ao longo do relacionamento passou a falar coisas que sabia que afetariam a sua ex-namorada como forma de fazer com que ela se sentisse mal, assim como ele estava se sentindo por consequência das atitudes dela: *“Ela me contou e*

*aí, eu não sei se ela fez isso porque, como eu disse, ela ficava jogando na cara dela, né, não era muito legal isso, pode ser que tenha desencadeado algum motivo pra ela ter feito isso. Porque realmente, eu confesso que eu era tóxico. Me machucava e parece que pra eu me sentir bem eu tinha que fazer ela passar mal, entendeu?”* (P2). Entretanto, ele demonstrou responsabilizar-se sobre esses comportamentos que também considera que foram tóxicos, e por vezes declarou sentir muito remorso pela forma como agiu com ela.

A participante 4 (P4) descreveu que ao longo do relacionamento, desenvolveu uma insegurança e um ciúme que não eram presentes anteriormente em suas características, e que afetaram a forma com que passou a lidar com situações negativas no relacionamento. Mencionou, como exemplo, uma situação em que encontrou um colar na cama do namorado, e tomada pelo ciúme, investigou as redes sociais do parceiro em busca da dona do objeto, sendo que após o episódio, percebeu ter sido um comportamento extremo e que considerou ruim para si mesma, já que não descansou durante a noite para concluir o objetivo, e permaneceu no relacionamento com o companheiro dizendo que “era louca” pelo ciúme e sua ação. *“Teve uma vez que eu achei um colar na cama dele, da área de lazer, lá. E... eu peguei, fiquei a noite inteira vasculhando o Facebook dele para ver se eu achava o colar no pescoço de alguém, e achei. Achei no pescoço de uma moça que fazia academia junto com ele”* (P4).

O amor patológico, pode fazer com que as pessoas que o sentem, passem a também apresentar comportamentos tóxicos ou abusivos dentro dos seus relacionamentos, ou seja, a pessoa passa a viver exclusivamente para o parceiro, e acaba tendo condutas sufocantes na esperança de receber aquilo que está doando, como carinho, afeto e atenção. Esse tipo de comportamento quando se torna rotina acaba trazendo prejuízos na vida pessoal, profissional, familiar e social.

#### **4.19 Sujeição**

A sujeição refere-se ao ato de aceitar de forma passiva a situações destrutivas, tendo consciência dessa situação. As participantes 3 (P3) e 4 (P4) relataram a atitude tomada ao perceberem características danosas de suas relações: *“Desde o começo do namoro eu percebi, mas permitia as coisas acontecerem.”* (P3); *“mas algumas coisas eu notava, mas não era o suficiente para ir embora, sabe?”* (P4).

#### **4.20 Questões de Gênero**

Nessa categoria, são abordadas diferenças que foram observadas entre os gêneros e como elas impactaram na experiência do participante do sexo masculino de forma distinta das vivências das participantes do sexo feminino. Essa categoria foi dividida em três subcategorias: *Agressão*, *Rede de Apoio* e o *Sentimento de posse*, buscando comparar a forma que cada gênero experiencia essas relações.

#### **4.20.1 Agressão**

Nessa primeira subcategoria é observado que, enquanto o participante do sexo masculino demonstrava um cuidado a mais para não se exaltar e acabar tendo atitudes violentas, - *“Eu nunca tive coragem assim, de impor a minha força a ela.”* (P2) -, uma participante do sexo feminino não apresentou essa mesma preocupação, demonstrando até mesmo um comportamento impulsivo nos momentos que se sentia agredida emocionalmente pelo parceiro: *“na hora que ele me ofendia psicologicamente, eu revidava agredindo ele.”* (P4)

#### **4.20.2 Rede de Apoio**

Nessa subcategoria, observou-se a dificuldade que homens podem sentir para obterem suporte para lidar com o relacionamento tóxico ou abusivo ou mesmo com o término. O participante 2 (P2) relatou não ter tido apoio ao fim do relacionamento, pois sua família era mais reservada, e além disso, não se sentia à vontade para conversar com outras pessoas. Dessa forma, ele descreveu ter lidado com a situação sozinho, apenas com seus pensamentos: *“eu não tinha, porque os meus pais, a minha família é bem fechada, eu não tinha, eu não conseguia falar, com ninguém, sabe?”* (P2).

Em contrapartida, todas as mulheres relataram suporte emocional, médico e até mesmo financeiro vindo de familiares, amigos e rede de saúde: *“sair tive a minha família que de certa forma conviveram comigo, e por estar mais próximos a mim muitas coisas eles viam e eu nem precisava falar, eles me deram um suporte emocional, e financeiro também pra eu conseguir ter meu canto.”* (P1); *“Tive sim, tive atendimento psicológico, mesmo de médico, amigos também, eu sempre expus pra todo mundo o que acontecia, eu não escondia de ninguém, eu conversava bastante as pessoas se envolviam.”* (P3); *“A minha mãe. Ela, nesse momento eu posso falar que ela foi o meu alicerce, assim, de força.”* (P4).

#### **4.20.3 Possessividade**

Nessa última subcategoria, o participante 2 (P2) expõe um sentimento de propriedade pela companheira, demonstrando arrependimento pela atitude durante o relacionamento, sendo que essa vivência não foi observada nas participantes do sexo feminino.

*“Eu confesso que eu, por essa questão de homem, né, homem tem a questão, infelizmente, né? Infelizmente é assim, hoje em dia já, depois de ter estudado, depois de ter convivido com outras pessoas, ter conversado com outras mulheres, eu percebo que isso não é legal, mas é a questão da posse, né? A questão da posse, de ter a mulher como objeto, ninguém toca nela, ninguém olha pra ela” (P2).*

## 5 DISCUSSÃO

A presente pesquisa possibilitou compreender a vivência dos participantes em relacionamentos abusivos ou tóxicos, além da elaboração de estratégias de enfrentamento. Porém, com esse estudo não se objetivou esgotar o tema, apenas abrir novas discussões sobre essa grande temática, e assim, a partir desse trabalho, pensar em um recorte para novos estudos.

O amor patológico é caracterizado por atenção e cuidados repetidos e incontroláveis pelo comportamento do parceiro em um relacionamento amoroso. Esse comportamento acaba se tornando uma prioridade e prejudica interesses que antes eram valorizados. O Amor Patológico pode ocorrer junto a outros transtornos psiquiátricos, e junto também a sintomas depressivos, baixa autoestima e sentimento de abandono e rejeição. (SOPHIA; TAVARES; ZILBERMAN, 2007)

Como visto na categoria “Amor Patológico”, dois participantes apresentaram características distintas. Conforme o relato do participante 2 (P2), ele passou a magoar sua parceira por se sentir ameaçado devido algumas atitudes da mesma, fazendo com que ele se sentisse melhor. Já a quarta participante (P4), apresentou um comportamento de ciúme excessivo, no qual esta, de forma invasiva, investigou as redes sociais do parceiro.

O amor saudável é definido por Lino (2009, p.3): uma emoção agradável que dá acesso a um estado de tranquilidade e estabilidade emocional, permitindo o acesso a um estado saudável e feliz entre duas pessoas. Já o amor patológico é conceituado pelo mesmo autor, como a dependência do ser amado acompanhado de sentimentos de baixa autoestima e obsessão. Entende-se desta maneira, que o amor saudável é uma emoção sadia e o amor patológico um sentimento dependente, caracterizando-se em uma relação dicotômica.

Conforme visto na categoria “Dependência Emocional”, apenas a participante quatro (P4) apresentou esse sofrimento e relatou como isso afetou a forma de encarar a relação, ou seja, é depositada uma expectativa no outro de preencher um vazio, o que faz a pessoa sentir medo de errar e ser rejeitada, ter dificuldades de tomar decisões e há uma forte tendência a depender dos outros para reconhecer suas virtudes.

Indivíduos com característica dependentes acabam vivendo uma relação bastante conflituosa. Esses relacionamentos no começo fazem bem, mas com o passar do tempo um dos parceiros se sente cada vez mais necessitado do cuidado do outro. (FABENI *et al.*, 2015)

Em alguns momentos, essa dependência se torna um dificultador para a relação, pois mesmo com o sofrimento causado, ainda é visto como uma demonstração de amor. Isso porque, segundo Dias e Machado (2011), existem diferentes discursos sobre o amor, que fazem

com que as formas que as relações íntimas sejam vividas sofram influências. Dessa forma, a concepção de amor é construída socialmente a partir de atitudes e falas dos sujeitos.

Os quatro entrevistados, como foi observado nas categorias “Dificuldade de identificar o tipo de relacionamento” e “Dificuldade de assumir o relacionamento tóxico” apresentaram dúvidas em dizer se achavam que o relacionamento experienciado era abusivo ou tóxico, e demonstrando uma possível negação sobre a real situação da relação que estavam vivendo, já que todos os participantes possuem acesso à informação.

Essa característica se repetiu no momento de se perceberem nessas relações, pois culturalmente foi aprendido que ciúme em excesso, por exemplo, seria uma demonstração de amor, dessa forma, esses participantes não compreendem como essa relação poderia ser ruim, já que se mostra repleta de possíveis demonstrações de afeto.

O amor e as suas expressões mais intensas e/ou violentas (ciúme, rejeição, amor não correspondido) em várias culturas, concluindo que é a cultura - e não os genes - que determina o que é ou não perturbador numa relação e o que desencadeia reações negativas mais intensas, veiculando e modelando a adoção de práticas relacionais abusivas ou violentas. (DIAS; MACHADO, 2011, p.502)

Devido à dificuldade de compreensão sobre o relacionamento e de assumir estar nessa situação, observou-se o surgimento da categoria “Sujeição”, que ocorre quando o sujeito permanece nessa experiência, mesmo sendo destrutiva. As autoras Gomes e Fernandes (2018) explicam a partir da Teoria do Aprisionamento Psicológico, que o sujeito intensifica o empenho em uma ação, apesar de fraca, para conseguir justificar ou que compense os investimentos já feitos na relação. Ou seja, esse indivíduo age como quem já investiu demais nesse relacionamento para desistir. Essa situação pôde ser observada apenas na participante três (P3), em que ela já não via mais como sair, afinal, já tinha vida construída com o parceiro, seus filhos estavam criados, sendo que um divórcio, para ela, já não fazia mais sentido após tanta história.

Existe também a frustração causada pela quebra de expectativa, pois, como foi observado na categoria da “Idealização”, existia uma esperança criada de que o(a) parceiro(a) e a relação seriam com um conto de fadas, em que há um salvador, ou um felizes para sempre, mas, em suas vivências, o que aconteceu foi o oposto, e o relacionamento ideal não corresponde com o real. Essas falas foram observadas no participante dois (P2), que acreditava que seu primeiro namoro seria para sempre, e na participante quatro (P4), que acreditava que o novo namorado seria ideal, por tê-la protegido de agressões anteriores. Peixoto e Heilborn (2016) falam sobre a fantasia a respeito do outro, e como isso é usado com um recurso para lidar com essas diferenças de valores do casal, sendo que para as mulheres, a figura de um príncipe encantado que será seu salvador é algo recorrente. E assim como foi analisado nesta categoria,

essa quebra de expectativa ocorre quando o sujeito começa a perceber a insatisfação com certas atitudes de seu parceiro, resultando em outra categoria, denominada “Constatação da realidade”, ou seja, chega o momento em que o começa a avaliar a possibilidade de um término. A participante um (P1) viveu esse momento ao perceber que o parceiro apresentava atitudes diferentes das vividas no início do relacionamento, enquanto a participante três (P3) teve esse momento ao avaliar que aquela situação não condizia com o que ela tinha almejado para si.

Quando os relacionamentos tóxicos e abusivos acontecem, foi observada a categoria de “Suporte psicossocial” e sua extrema importância, pois todos os entrevistados relataram que o auxílio de familiares, amigos, ou equipes de saúde, em algum momento foram de grande importância para o enfrentamento da situação, mesmo que cada um estivesse experienciando essa assistência em momentos e situações diferentes de seus relacionamentos. As autoras Rocha, Galeli e Antoni (2019) explicam que esses sistemas de apoio que são significativos para uma pessoa, não necessariamente correspondem apenas à sua família, mas sim, todos os vínculos interpessoais que possui. Essa característica foi observada em todos os entrevistados, pois todos possuíam ao menos um local, seja casa, trabalho ou órgãos de saúde, em que receberam esse apoio.

Porém, nem sempre se encontra uma rede de apoio afetiva, assim como as autoras descrevem: em alguns casos, nos momentos de interação da participante com estas pessoas, as trocas estabelecidas tendiam a uma culpabilização da mulher pela situação e à demonstração de uma postura crítica e julgadora (ROCHA; GALELI; ANTONI, 2019, p. 134). Uma situação similar foi descrita na categoria “Dificuldade de apoio”, em que redes de segurança não ofereceram à participante 4 (P4), o suporte esperado.

De acordo com a categoria “Violência” foi possível observar que apenas dois participantes sofreram com a violência física, sendo praticada com o uso da força física do agressor, que acabou machucando as vítimas de várias maneiras, como com empurrões, chutes e socos. O participante um (P1) relata que após o primeiro episódio de agressão física, passou a ter medo da companheira em situações de desavenças. Já a quarta participante descreveu que as agressões eram muito sérias e que diversas vezes precisou de suporte médico. De acordo com Hirigoyen (2006), algumas situações acabam impedindo as mulheres e/ou homens de encontrarem escolhas para sair de um relacionamento abusivo. A violência começa aos poucos, que podem assumir as formas verbais, morais e em outros casos, a violência física. O término desse ciclo de violência é um processo lento e incerto. Segundo Soares (2005) o término de uma relação violenta pode durar muito tempo, ou seja, mulheres/ homens acabam continuando

com seus parceiros devido a dependência financeira, medo de morrer, porque sofrem ameaças, à espera pela mudança de comportamento do companheiro, e até a dependência emocional.

Na categoria de “Sedução” que foi relatada apenas por uma participante, ela descreveu o momento como “lua de mel”, que após uma agressão o companheiro chega um buque de flores, fazendo várias promessas. Como há uma demonstração de arrependimento por parte do agressor, ela se sente confusa e pressionada a continuar no relacionamento, abrindo mão dos seus direitos e recursos, acreditando que o agressor mudará suas atitudes. Para Soares (2005), a sedução começa logo após o período de violência física, é onde o agressor demonstra arrependimento e medo de perder a companheira(o). Ou seja, ele(a) promete coisas, implora pelo perdão, compra presentes e por fim acaba jurando que será uma nova pessoa e que aquilo não se repetirá mais.

Essas situações tanto podem ocorrer da forma como foram descritas aqui, como podem nunca acontecer. Esse é apenas um padrão geral que em cada caso vai se manifestar de modo diferenciado. Mas é importante conhecer o ciclo da violência para ajudar as mulheres a identificá-lo, quando for o caso, e a impedir que ele se reproduza. (SOARES, 2005, p.25)

Na categoria de “Dependência do parceiro” observou-se um medo do parceiro, e este medo, por vezes, se expressava sem que se entendesse suas causas. A autora Souza (2019) explica: é perceptível que o medo é o mecanismo de manutenção do controle, já que apenas as ameaças disferidas à mulher são mais que suficientes para mantê-la sob a posição que o abusador deseja (SOUZA, 2019, p. 2). Os participantes um (P1) e dois (P2) apresentaram esse medo de seus parceiros e suas reações em momentos como discussões ou possíveis tentativas de término, evitando essas situações.

Foi observada na categoria “Culpa”, uma inversão da responsabilidade do relacionamento, em que esses sujeitos se sintam responsabilizados pelas brigas ou agressões, acreditando que se o parceiro ou parceira foram violentos, é porque elas mesmas não conseguiram lidar com situações do cotidiano. Moreira, Boris e Venâncio (2011) explicam que esse sentimento de culpa, assim como a vergonha, o isolamento e o estigma, são provavelmente, os maiores obstáculos para que mulheres denunciem situações de violência.

Como foi visto na categoria “Pressão emocional”, essa também pode ser enquadrada como uma violência, conforme citado por Souza (2019), por ser um processo em que um sujeito deprecia de forma sistemática e contínua, destruindo o círculo social do outro, e depreciando suas ideias essenciais, sentimentos, suas percepções e características de sua personalidade. Pode ser classificado como violência moral, representando calúnia, difamação e injúria.

Constatou-se na categoria “Baixa autoestima” que a destruição da autoestima está relacionada à forma como o parceiro a deprecia, minimizando seus aspectos físicos e mentais, e aumentando seus erros, ou seja, fazendo uma distorção da autoimagem de sua companheira. Sendo assim, o abusador (a), tem como finalidade abalar a segurança do indivíduo com relação ao seu raciocínio lógico construído ao longo de sua vida. A diminuição da autoestima também ocorre pela relação, quando o sujeito deseja o fim, pois entende ser algo destrutivo, mas não encontra meios para o rompimento. Correlacionada com a categoria anterior, está a “Fragilidade” em que, a participante quatro (P4), já possuindo a autoestima baixa, era ainda mais diminuída pelo parceiro. Esta prática ocorria com o intuito de fazê-la se sentir cada vez mais inferior.

Esses abusos e comportamentos tóxicos causam consequências ainda durante a relação, que podem ser configuradas como vergonha, raiva, sentimentos de humilhação, diminuição da autoconfiança, ansiedade, baixa autoestima, entre outros. Souza (2019) explica que o abuso psicológico pode afetar a saúde mental do sujeito, e interferir na autoimagem, podendo resultar em dificuldades de comunicação, dispensar da postura de enfrentamento, e apresentando insegurança em tomadas de decisão. Essa característica foi observada na categoria “Enfrentamento”, em que apenas a participante um (P1) conseguiu compreender a situação de seu relacionamento e agir para a reestruturação pessoal.

Já ao final do relacionamento, existem sequelas emocionais que podem se fazer presentes, em que a autora aponta que uma das mais frequentes é o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), em que é classificada no DSM-V como uma síndrome que se desenvolve após a estressores ou eventos traumáticos. Outras sequelas que podem ser apresentadas são depressão, ideação ou tentativas de suicídio e abusos de substâncias. Essas características foram observadas na categoria “Sequelas emocionais” em que a participante um (P1) relatou sintomas de ansiedade em situações em que precisa interagir com o antigo parceiro, como tremor, palpitação e sudorese.

Na categoria “Ressignificar a vida”, após a experiência do enfrentamento, o indivíduo passa a refletir sobre sua vida através de suas vivências e aprendizados que obteve com o relacionamento. A resiliência pode ser descrita como a forma encontrada pelo indivíduo de enfrentar situações menos favoráveis, assim como por descrito por Labonici (2012), quando aponta o conceito de resiliência para descrever a capacidade do indivíduo ou de um grupo de se constituir ou reconstituir de maneira positiva diante às adversidades, mesmo se mantendo em um ambiente desfavorável. Os participantes um (P1) e dois (P2) apresentaram formas

parecidas de ressignificar a vida, entendendo como uma nova oportunidade de se reestabelecerem emocionalmente, e buscando tirar aprendizados das experiências vividas.

No presente estudo, na categoria “Diferença de gênero” buscou-se uma correlação entre os gêneros, e não foi possível identificar estudos voltados para vivência de homens em relacionamentos abusivos ou tóxicos, sendo todos voltados para a experiência de mulheres nessas situações. Entre os participantes, observou-se que o rapaz (P2) apresentou maior preocupação em não agredir a companheira, mesmo quando agredido fisicamente por ela, em contra partida, a participante quatro (P4) falou sobre episódios em que agrediu seu namorado, e como entendia ter iniciado esses comportamentos após agressões. O único artigo que tratou brevemente sobre o assunto, voltou-se para a violência física, em que Peixoto e Heilborn (2016) pontuam que, diferente do que ocorre com os homens, quando uma mulher agride, seu comportamento é visto como vergonhoso, mas também com um ato de resistência, por estar reproduzindo a violência que recebe. Dessa forma, mesmo quando a mulher agride, ela ainda assim é vista como vítima. Entretanto, em nenhum outro estudo, o homem é visto nessa posição vulnerável, não havendo pesquisas voltadas para sua rede de apoio, autoestima, pressão emocional vivenciados, entre outros. Foi constatada também a dificuldade que o participante dois (P2) teve para acessar uma rede de apoio, não sentindo-se livre para levar a situação para a família e amigos, enquanto todas as outras participantes apresentaram esse suporte, demonstrando como isso foi importante para o enfrentamento da situação de violência. Por fim, o participante dois (P2) falou sobre o sentimento de posse, entendendo fazer parte de um machismo aprendido, em que sentia ciúme da namorada, não queria que olhassem para ela ou que a desejassem. Essa característica não foi observada nas participantes do sexo feminino, apresentando apenas situações em que seus então companheiros tiveram a mesma postura com elas.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo possibilitou algumas reflexões acerca da vivência em relacionamentos tóxicos e abusivos. Apesar de ser um tema muito discutido de forma quantitativa pela literatura, há poucos trabalhos voltados para a compreensão das vivências desses sujeitos e os impactos emocionais dessas experiências.

Percebe-se a necessidade de uma equipe multidisciplinar, com foco para a saúde mental, que estejam preparados para atendimento dessas pessoas em situação de vulnerabilidade, pois o suporte psicossocial demonstrou ser de extrema importância nesses momentos.

Através deste estudo pode-se concluir que as experiências do sexo masculino implicam na maneira em que enxergam o relacionamento, possuem forte influência do machismo, e são sentidas de forma diferente, principalmente a partir de como esse homem se sente visto pela sociedade.

Assim sendo, relacionamentos tóxicos ou abusivos repercutem negativamente em ambos os sexos, impactando em suas individualidades e também na forma como experienciam relacionamentos amorosos futuros.

## REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, S. G. As esferas do reconhecimento: uma introdução a Axel Honneth. **Cad. psicol. soc. trab.**, [s.l.], v. 14, n. 1, p. 127-143, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172011000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172011000100010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 out. 2021.
- AVILA, L. A.; TERRA, J. R. Histeria e somatização: o que mudou ?. **Jornal brasileiro de psiquiatria**, [s.l.], v. 59, n. 4, p. 333-340, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0047-20852010000400011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852010000400011&lng=en&nrm=iso). Acesso em 15 de fevereiro de 2021.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARONCELLI, L. Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas. **Psicologia & Sociedade**, [s.l.], v. 23, n. 1, p. 163-170, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a18v23n1.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2021.
- BEZERRA, P. V.; JUSTO, J. S. Relacionamentos amorosos na pós-modernidade: análise de consultas apresentadas em sites de agenciamento amoroso. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [s.l.], v. 4, n.2, p. 193-204, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126915/ISSN1809-8908-2010-04-02-193-204.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 fev. 2021.
- BOBINEAU, Olivier. O que é Ágape?: Da exegese a uma síntese antropológica passando pela Teologia. **Revista de Estudos da Religião**: subtítulo da revista, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 72, set./2010. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv3\\_2010/t\\_bobineau.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv3_2010/t_bobineau.pdf). Acesso em: 6 fev. 2021.
- BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: Disponível em: <http://bit.ly/1mTMIS3> Acesso em: 06 mar. 2021.
- BRAZ, A. L. N. Origem e significado do amor na mitologia greco-romana. **Estud. psicol.** Campinas, v. 22, n. 1, p. 63-75, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2005000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000100008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16 fev. 2021.
- BRITO, K. L.; ALMEIDA, S. A. D. Ética e amor numa perspectiva filosófica: eros, philos e ágape. **Facit Business and Technology Journal**, [s.l.], v. 1, n. 15, p. 103-113, 2020. Disponível em: <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/558>. Acesso em: 16 fev. 2021.
- CARVALHO, E. C. D. Mulheres e o amor patológico: o prazer na dor de amar demais. **Psicologia**: portal dos psicólogos, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-19, 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1145.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2021.

COLL, C; MARCHESI, A; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia Evolutiva**. 2. ed. Editora Artmed: Porto Alegre, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução 010/12 de 26 de Junho de 2012**.

Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n%C2%BA-010-12.pdf>. Acesso em: 06 Mar. 2021

Acesso em: 06 Mar. 2021

CRAWFORD, M.; POPP, D. Sexual double standards: A review and methodological critique of two decades of research, **Journal of Sex Research**, [s.l.], v. 40, n. 1, p. 13-26, 2013.

Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00224490309552163?needAccess=true>.

Acesso em: 16 fev. 2021.

FABENI, L. *et al*. O discurso do "amor" e da "dependência afetiva" no atendimento às mulheres em situação de violência. **Rev. NUFEN**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 32-47, 2015. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912015000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000100003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 06 set. 2021.

FERREIRA, L. H. M.; FIORONI, L. N. Concepções sobre relacionamentos amorosos na contemporaneidade: um estudo com universitários. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO, XV, 2009, Maceió. **Anais...Maceió**, 2008. Disponível em:

[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/580.%20concep%C7%D5es%20sobre%20relacionamentos%20amorosos%20na%20contemporaneidade.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/580.%20concep%C7%D5es%20sobre%20relacionamentos%20amorosos%20na%20contemporaneidade.pdf).

Acesso em: 17 fev. 2021.

FREIRE, B. J. et al. Paixão, Ciúme e Traição: A “liquidez” das relações humanas no ciberespaço. In: INTERCOM. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. **XXXIII Congresso Brasileiro da Comunicação**. Caxias do Sul: INTERCOM, 2010. Disponível em:

<http://bocc.ufp.pt/pag/aavv-paixao-ciume-e-traicao.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2021.

GABRIEL, G. S. S. *et al*. Relacionamentos amorosos na contemporaneidade: entre transformações e dificuldade na manutenção dos vínculos. **Caderno Paic: programa de apoio a iniciação científica**, [s.l.], v. 20, n. 1, p. 563-578, 2020. Disponível em:

<https://cadernopaic.fae.edu/cadernopaic/article/view/388>. Acesso em: 16 fev. 2021

GIDDENS, Anthony; sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. 1. ed. São Paulo: UNESP, 1993.

GOMES, A. L.; AMBONI, G.; ALMEIDA, T. Ciúme Romântico em Casais Heterossexuais: Relatos de Pessoas Casadas e Unidas Consensualmente. **Pensando em famílias**, [s.l.], v. 15, n. 2, p. 31-50, dez. 2011. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/profile/Thiago\\_De\\_Almeida/publication/309761861\\_Ciume\\_Romantico\\_em\\_Casais\\_Heterossexuais\\_Relatos\\_de\\_Pessoas\\_Casadas\\_e\\_Unidas\\_Consensualmente/links/5821e39a08aece82e27f1ab9/Ciume-Romantico-em-Casais-Heterossexuais-Relatos-de-Pessoas-Casadas-e-Unidas-Consensualmente.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Thiago_De_Almeida/publication/309761861_Ciume_Romantico_em_Casais_Heterossexuais_Relatos_de_Pessoas_Casadas_e_Unidas_Consensualmente/links/5821e39a08aece82e27f1ab9/Ciume-Romantico-em-Casais-Heterossexuais-Relatos-de-Pessoas-Casadas-e-Unidas-Consensualmente.pdf). Acesso em: 16 fev. 2021.

GOMES, I. R. R.; FERNANDES, S. C. S. A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, [s.l.], v. 38, n. 94, p.

55-66, 2018 . Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2018000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 05 set. 2021.

HIRIGOYEN, M. **A Violência no Casal**: da coação psicológica à agressão física. Trad.: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HERNANDEZ, J. A. E.; OLIVEIRA, I. M. B. Os componentes do amor e a satisfação. **Psicol. cienc. prof.**, [s.l.], v. 23, n. 1, p. 58-69, 2003. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932003000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 17 fev. 2021.

LABRONICI, L. M. Processo de resiliência nas mulheres vítimas de violência doméstica: um olhar fenomenológico. **Texto & Contexto - Enfermagem [online]**, [s.l.], v. 21, n. 3, p. 625-632, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000300018>, Acesso em: 7 set. 2021.

LEAHY, R. **A cura do ciúme**: aprenda a confiar, supere a possessividade e salve seu relacionamento. Artmed: Porto Alegre, 2019.

LIMA, R. D.; ALMEIDA, T. Loving relationships and postmodernity: psychodrama contributions. **Revista Brasileira de Psicodrama**, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 52-60, 2016. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/238/214>. Acesso em: 16 fev. 2021.

LINO, T. L. **A patologia do amor**: da paixão à psicopatologia. Porto: Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos, 2009. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0146.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

MADEIRA, C. A Maldade na Violência Psicológica e os seus Reflexos na Saúde. Site **Revista Progredir**, [s.l.], 2013. Disponível em: <http://www.revistaprogridir.com/blog-artigos-revistaprogridir/a-maldade-na-violnciapsicologica-e-os-seus-reflexos-na-saude>. Acesso em: 26/02/2021

MARTINS-SILVA, P. O.; TRINDADE, Z. A.; SILVA JUNIOR, A. Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. **Psicol. cienc. prof.**, [s.l.], v. 33, n. 1, p. 16-31, 2013 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932013000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000100003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 fev. 2021.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MINAYO, M.C.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, [s.l.], v. 9, n.3, p. 239-262, 1993.

MONEGO, B. G.; TEODORO, M. L. M. A teoria triangular do amor de Sternberg e o modelo dos cinco grandes fatores. **Psico-USF (Impresso)**, [s.l.], v. 16, n. 1, p. 97-105, 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712011000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712011000100011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 18 fev. 2021.

- MOREIRA, V. et al. O estigma da violência sofrida por mulheres na relação com seus parceiros íntimos. **Psicologia & Sociedade [online]**, [s.l.], v. 23, n. 2, p. 398-406, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000200021>. Acesso em 6 set. 2021.
- NEVES, A. S. A. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"?. **Rev. Estud. Fem.**, v.15, n. 3, p. 609-627, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104026X2007000300006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2007000300006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 fev. 2021.
- NORWOOD, R. Mulheres que amam demais: quando você continua a desejar e esperar que ele mude. Tradução de Maria Clara de Biase. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 2011.
- PAURA, M. D. C; GASPARGAR, Danielle. OS RELACIONAMENTOS AMOROSOS NA ERA DIGITAL:: Um Estudo de Caso do Site Parperfeito. **Revista Estação Científica**: subtítulo da revista, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 4-10, jan – jun/2017. Disponível em: <https://portal.estacio.br/media/3728713/os-relacionamentos-amorosos-na-era-digital.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- PEIXOTO, M. M.; HEILBORN, M. L. Mulheres que amam demais: conjugualidades e narrativas de experiência de sofrimento. **Revista Estudos Feministas [online]**, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 45-62, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p45>. Acesso em 5 Set. 2021.
- REIKI, T. **A psychologist looks at love**. New York: Farrar & Rinehart, 1944.
- ROCHA, R. Z.; GALELI, P. R.; ANTONI, C. Rede de apoio social e afetiva de mulheres que vivenciaram violência conjugal. **Contextos Clínic.**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 124-152, 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822019000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822019000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 06 set. 2021.
- ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. **Psyche (Sao Paulo)**, São Paulo, v. 10, n. 17, p. 65-86, jun. 2006. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382006000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000100005&lng=pt&nrm=iso). acessos em 08 nov. 2021.
- RODRIGUES, Soraia; CHALHUB, Anderson. Amor com dependência: um olhar sobre a teoria do apego. **Psicologia**: portal dos psicólogos, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2010. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0155.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2021.
- RUBIN, Z. Measurement of Romantic Love. **Journal of Personality and Social Psychology**, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 265-273, 1970.
- SCHLOSSER, A. Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: um olhar a partir da psicologia positiva. **Pensando fam.**, [s.l.], v. 18, n. 2, p. 17-33, 2014, Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 fev. 2021.

SILVA, L. L. *et al.* Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, [s.l.], v. 11, n. 21, p. 93-103, 2007

SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M. V. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.15, n.2, 33-45, ago. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n2/03.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2021.

SOARES, M. B. **Enfrentando a violência contra a mulher**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

SOPHIA, E. C. **Amor Patológico: Aspectos clínicos e de personalidade**. Dissertação (Mestrado em Ciências). Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SOPHIA, E. C; TAVARES, H.; ZIBERMAN, M.L. Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico? **Revista Brasileira de Psiquiatria**. [s.l.], v. 29, n. 1., p. 55-62 , 2006.

SOUZA, A. D. S. **Relacionamentos abusivos: consequências psicológicas em mulheres que o vivenciam**. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FASB, 2005, **Anais...** Barreiras, 2005. Disponível em: <http://fasb.edu.br/revista/index.php/cic/article/view/492/429>. Acesso em: 4 set. 2021.

VINUTO, J. A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um Debate em Aberto. **Temáticas**, [s.l.], v. 22, n. 44, p. 203- 220, 2014. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>. Acesso em: 06 mar. 2021.

## ANEXOS

## ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP



Continuação do Parecer: 4.695.874

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1716764.pdf	13/04/2021 18:34:42		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_.pdf	13/04/2021 18:33:01	Fernanda Pessolo Rocha	Aceito
Cronograma	Cronograma_.pdf	13/04/2021 18:27:54	Fernanda Pessolo Rocha	Aceito
Outros	CamScanner04_12_2021.pdf	13/04/2021 18:22:21	Fernanda Pessolo Rocha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CEP.pdf	13/04/2021 18:21:12	Fernanda Pessolo Rocha	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Carta_de_Autorizacao_Para_Uso_da_Ci_inica_corrigido.pdf	13/04/2021 18:16:52	Fernanda Pessolo Rocha	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	12/03/2021 17:27:25	Fernanda Pessolo Rocha	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	Termo_de_Compromisso_do_Pesquisador_Responsavel.pdf	12/03/2021 09:37:21	Fernanda Pessolo Rocha	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RIBEIRAO PRETO, 06 de Maio de 2021

---

**Assinado por:  
Cristina Endo  
(Coordenador(a))**

<b>Endereço:</b> RAMOS DE AZEVEDO			
<b>Bairro:</b> JARDIM PAULISTA	<b>CEP:</b> 14.090-180		
<b>UF:</b> SP	<b>Município:</b> RIBEIRAO PRETO		
<b>Telefone:</b> (16)3603-6600	<b>Fax:</b> (16)3618-6102	<b>E-mail:</b> cepbm@baraodemaua.br	

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Roteiro de perguntas

#### Informações do entrevistado

Iniciais: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Estado civil: ( ) Solteiro (a)

( ) Casado (a)

( ) Divorciado (a)

( ) Outros \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Profissão / Ocupação: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Fuma: ( ) sim ( ) não

Faz uso de álcool: ( ) sim ( ) não

#### Questões norteadoras

- 1) Como você classifica esse relacionamento?
- 2) Você está nesse relacionamento atualmente? Caso não, a quanto tempo terminou?
- 3) Em que momento percebeu que esse relacionamento estava sendo algo destrutivo?
- 4) Como fez para lidar com tudo isso? Teve alguma rede de apoio? Fez terapia?
- 5) Como se sente agora? Acha que algo mudou em você?

## APÊNDICE B – Termo de consentimento



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: **UM ESTUDO SOBRE OS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS OU TÓXICOS EM CASAS HETEROSSEXUAIS.**

**A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS:** O motivo que nos leva a estudar o problema de relacionamentos tóxicos e abusivos é que, apesar de ser um assunto muito discutido, existem poucos estudos sobre, além de suas características, a pesquisa se justifica pela necessidade de se estudar e divulgar o assunto, para que a população consiga identificar os primeiros sinais, agindo como um trabalho de prevenção. O objetivo desse projeto é compreender as características emocionais presentes nesses tipos de relacionamentos. Os procedimentos de coleta de dados serão da seguinte forma: serão feitas entrevistas semiestruturadas com questões norteadoras que contemplarão os objetivos do estudo, serão essas gravadas e transcritas de forma integral posteriormente.

**DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS:** Existe um desconforto e risco mínimo para a você que se submeter à coleta do material como sentimentos desagradáveis, por se tratar de um tema vivido e sentido de forma singular, sendo que se justifica na necessidade de um maior suporte das redes psicossociais de apoio a indivíduos que vivenciem relacionamentos abusivos / tóxicos, além de contribuir para a evolução na área de estudo.

**FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSINTÊNCIA:** Caso a entrevista evoque sentimentos desagradáveis você será acompanhado da seguinte forma: a) as pesquisadoras estão aptas para o acolhimento, b) você pode interromper a pesquisa quando quiser e retomá-la quando achar necessário, c) você pode ser encaminhado (a) para atendimento na Clínica Escola de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá.

**GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO:** Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O (s) pesquisador (es) irá (ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da análise das pesquisas serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá – Campus Central e outra será fornecida a você.

**CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS:** Caso a participação no estudo acarrete custos de transporte para você, será disponível uma compensação financeira referente aos gastos. No caso você sofrer algum dano decorrente dessa pesquisa haverá o encaminhamento para o atendimento psicológico na Clínica Escola de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá.

**DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE:**

Eu, \_\_\_\_\_ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar.

O(a) professor(a) orientador(a) \_\_\_\_\_ e o(a) professor(a) co-orientador(a) \_\_\_\_\_ certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Em caso de dúvidas poderei chamar a estudante

\_\_\_\_\_ o(a) professor(a) orientador(a)

\_\_\_\_\_ ou o(a) professor(a) co-orientador(a)

\_\_\_\_\_ no telefone (\_\_) \_\_\_\_ \_\_\_\_\_. Declaro que concordo em

participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

---

**Nome e Assinatura do(a) Participante**

---

**Anyelle Theodoro Ferrante**  
anyelle\_ferrante15@hotmail.com  
Aluna e Pesquisadora

---

**Araceli Spera de Sousa**  
aracelispera@hotmail.com  
Aluna e Pesquisadora

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra.<sup>a</sup> Fernanda Pessolo Rocha**  
fernanda.rocha@baraodemaua.br

Docente do Curso de Psicologia e Coordenadora da Clínica de Psicologia do Centro  
Universitário Barão de Mauá  
CRP 06/53588-0 / Telefone: (16) 3603-6697

**Contato das Pesquisadoras:**

Anyelle Theodoro Ferrante, e-mail: anyelle\_ferrante15@hotmail.com, telefone: (16) 99325-1318  
Araceli Spera de Sousa, e-mail: aracelispera@hotmail.com, telefone: (16) 99423-2784

**Contato Orientadora Responsável:**

Fernanda Pessolo Rocha, e-mail: fernanda.rocha@baraodemaua.br, Tel.: (16) 3603-6697

Centro Universitário Barão de Mauá, Rua Ramos de Azevedo, nº 423, Jd. Paulista – Ribeirão Preto SP Telefone: 0800 183 566 / (16) 3603-6600.

Departamento de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá, Telefone: (16) 3603-6695.

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Barão de Mauá, Telefone: (16) 3603-6624.

Clínica Escola de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá, Rua Amadeu Amaral, nº56.

Telefone: (16) 3603-6697.